

MICHELLE DA SILVA SANTOS

**FORMA, PROPÓSITO E SIGNIFICADO OCUPACIONAL AS MARGENS DOS  
RIOS: um estudo qualitativo com moradores da Ilha do Combu**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
realizado como requisito parcial  
para a obtenção de título de  
Bacharel em Terapia Ocupacional  
pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Victor  
Augusto Cavaleiro Corrêa.

BELÉM-PA

2019

# FORMA, PROPÓSITO E SIGNIFICADO OCUPACIONAL AS MARGENS DOS RIOS: UM ESTUDO QUALITATIVO COM MORADORES DA ILHA DO COMBU

Michelle da Silva Santos<sup>1</sup>, Victor Augusto Cavaleiro Corrêa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Michelle da Silva Santos, [michellesantosto@gmail.com](mailto:michellesantosto@gmail.com), graduanda em Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, PA, Brasil; <sup>2</sup>Victor Augusto Cavaleiro Corrêa, [victorcavaleiro@gmail.com](mailto:victorcavaleiro@gmail.com), Terapeuta Ocupacional, Mestre em Psicologia, Doutor em Doenças Tropicais (UFPA), Docente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e do Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGP) da UFPA, Pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Ciência da Ocupação (LPCO/UFPA).

**Autor responsável pela comunicação com a revista:** Michelle da Silva Santos, [michellesantosto@gmail.com](mailto:michellesantosto@gmail.com), Travessa Timbó, nº. 3328, Bairro Marco, Belém, CEP.: 66087-533, Belém -Pará, Tel.: (91) 981309400.

**Fonte de Financiamento:** Financiamento próprio.

**Contribuição dos Autores:** Michelle da Silva Santos, participou da coleta, análise e discussão dos dados, além da elaboração e revisão do manuscrito. Victor Augusto Cavaleiro Corrêa coordenou e orientou a pesquisa, participando da análise, discussão e interpretação dos dados, além da elaboração e revisão do manuscrito.

**Resumo:** A Região Amazônica em seu processo de organização sócioespacial, estabelece uma estreita relação com as águas, dentre estas, a formação de pequenos vilarejos em Ilhas ao longo do Estuário Guajará, em específico a Ilha do Combu, localizada a 1,5 km da capital do estado do Pará, com uma população que mantém ao longo do tempo um modo singular de vida, popularmente são denominados como ribeirinhos e organizam sua forma de vida em relação direta com os rios e a natureza. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo Estudo de Caso, realizada na Ilha do Combu, participaram da pesquisa dois integrantes da mesma família, com idades de 61 e 36 anos, com residência fixa na ilha há mais de cinco anos, do sexo feminino. Os resultados do estudo revelaram, que a proximidade do centro urbano, interfere no modo ocupacional encontrado que mescla o tradicionalismo e a modernidade por meio de uma dinâmica ocupacional de modo que satisfaça as demandas sociais e pessoais, em um equilíbrio entre antigos e novos propósitos, formas e significados que nesta pesquisa denominou-se de Intersecção Ocupacional. Assim pensar sobre a intersecção ocupacional a partir do universo dessa pesquisa na Ilha do Combu é uma possibilidade potente não apenas para a Ciência da Ocupação, mais também, para a prática em Terapia Ocupacional como facilitadora do processo de valorização e manutenção das práticas e saberes tradicionais, resguardando-os para além dos territórios, através de intervenções que estimulem a manutenção dos valores simbólicos e dos aspectos culturais.

**Palavras-chave:** Região Amazônica; População Rural; Saúde; Cultura; Terapia Ocupacional.

## **THE MODIFICATIONS, THE WHY AND THE MEANINGS OF THE POSSIBLE OCCUPATIONS AFTER HEART SURGERY**

**Abstract:** Introduction: The Amazonian Region, in its socio-spatial organizational process, has established a close relationship with the waters. Among them, the formation of small villages in Islands along the Guajarinó Estuary, specifically in the Combu Island, located 1.5 km away from the state capital, with a population that has maintained a unique lifestyle over the years, commonly called "the riparian", that organize their social and cultural habits in a direct relationship with the rivers and Nature. Method: This work consists of qualitative approach research, specifically of the Case Study type, conducted in the Combu Island; two female members of the same family, aged 61 and 36 years, with fixed residence on the island for more than five years, took part on this research. Results: We have found that proximity to the urban center generates occupational dynamics where both traditional and modern purposes are merged, in such a way that satisfies social and personal demands, forms and meanings, a process that we have called Occupational Intersection in this research. Conclusion: The analysis of the occupational intersection from the universe of this research in the Combu Island on is a promising possibility not only for Occupational Science but also for Occupational Therapy practice as a facilitator of the valuing and maintaining processes of traditional practices and knowledges, safeguarding them beyond the physical territories through interventions that encourage the maintenance of symbolic values and cultural aspects.

**Key words:** Amazonia Region; rural population; health; culture; Occupational Therapy.

### **1 INTRODUÇÃO**

Marcado por uma intensa relação com a natureza, em especial com seus rios, o Estado do Pará, inicialmente habitado por povos indígenas como Tupinambás e Pacajás, reflete em seu nome a importância que as águas tem para a população local, a partir do nome do estado, que é oriundo do tupi-guarani, “pa’ra” significa “rio-mar”, nome que representa o curso das águas proveniente da união entre o Rio Amazonas e Rio Tocantins (SCHERER, 2004; JUNIOR et al., 2011; FALESI, 1986; CRUZ, 1973).

Em relação à organização espacial do estuário guajarinó, a água marca os processos de ocupação territorial, sejam próximos ou as margens da baía do Guajará, resultando em uma relação histórica de territorialização, organização econômica, produzindo uma cultura específica para aqueles que se relacionam com as águas (PONTE, 2015; CARDOSO et al., 2016).

A Baía do Guajará, cerca o oeste da capital paraense, como resultado de encontros de rios como Guamá, Acará e Moju, além de relacionar-se diretamente com a Baía do Marajó. Essa formação de rios em torno da cidade, influencia não apenas a região urbana, como ao longo do tempo, solidificou a formação de ilhas, que são pequenos

vilarejos organizados as margens da baía e que dentre as mais conhecidas, estão a ilha do Combu, das Onças, Arapiranga e PiriQUITOS (JUNIOR; AZEVEDO, 2012; IBGE, 2010).

As ilhas que compõem a organização do estuário amazônico, se diferenciam da região urbana, não apenas pela paisagem, mas pelo modo de organização de vida, ressalta-se a Ilha do Combu, próxima ao município de Belém, com seus solos de várzea banhados pelo Rio Guamá e a Baía do Guajará, a 1,5 km do centro da capital paraense, com rica flora e fauna, solos permeados de plantações de açaí, cacau e cupuaçu. Marcada por inúmeros igarapés, as casas construídas na ilha possuem famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência ou familiar baseada no extrativismo, tendo como marcos da população a baixa escolaridade, presença predominante de mulheres, crianças e jovens (DERGAN, 2006; NASCIMENTO et al., 2013; MATTA, 2006).

Essas famílias são denominadas de ribeirinhas, povos tradicionais que ao longo da construção social e histórica do Pará e da capital, organizaram sua forma de vida em interação direta com os rios. Suas comunidades localizam-se a beira ou próximo aos rios, igarapés, nas áreas de várzeas (área de inundação em períodos de cheia dos rios de água brancas, como o Rio Guamá, rico em sedimentos, resultando em um solo fértil) e áreas de igapós (área de inundação, as margens de rios de águas negras ou claras, a exemplo o Rio Negro, rios com poucos sedimentos, o que ocasiona um solo pobre em nutrientes) em casas de madeira construídas sobre os rios em palafitas para suportarem o período de intensa inundação dos rios e terrenos nas encostas, há a presença de pontes e trapiches em frente ou na lateral das casas, medidas utilizadas para vivenciar o ciclo das águas (SCHERER, 2004; JUNIOR et al., 2011; FALESI, 1986; CRUZ, 1973).

Compactuando das mesmas práticas, saberes e tradições, os ribeirinhos constroem uma forte relação entre eles, não racionalizada que nasce subjetivamente dos envolvidos, que se sentem pertencentes de modo afetivo e tradicional deste grupo e compactuam com o mesmo referencial de ver e pertencer ao mundo, por meio de conhecimentos e práticas, tais como, o saber empírico acerca da pesca, agricultura, medicina tradicional, valores e crenças (WEBER, 1973; LIRA; CHAVES 2016; MATTA, 2015).

Para Radcliffe-Brown (1973), a estrutura social é decorrente da rede de relações sociais, da identificação em ter pessoas que possuem ou não parentesco, que se diferenciam em classes por desempenho social, sofrendo a influência do gênero e status, ao observar as comunidades ribeirinhas sobre esta ótica, percebe-se que a estrutura social é predominantemente estabelecida por costumes tradicionais, como a diferenciação de

pessoas por seu desempenho social e do trabalho segundo o gênero e faixa etária, assim como, a fisiologia social, que corresponde a moral, a religião, as crenças e aos valores adotados pelos moradores da ilha do Combu, que creem em personagens míticos, o que implica em suas ações, desde o ato de tomar banho no rio após determinado horário até nas práticas de trabalho, resultando em uma forma estrutural que sobrevive ao tempo.

Esses fenômenos sociais resultam da cultura dos povos da água, como popularmente são conhecidos os ribeirinhos, suas atividades e condutas individuais ou coletivas, possuem relação direta com a natureza e o ambiente a sua volta, desde as preferências, coleta e preparo de alimentos, dormir, habitar, a locomoção, o vestuário e manifestações de arte como a dança e narrativas de histórias e as crenças em personagens de lendas amazônicas, definem de modo extraordinário a formação não apenas de uma sociedade, de seres humanos com aglomerados de relacionamentos sociais, exercendo diversos papéis, tais como pescador, pai, filho, contador de lendas, curandeiro, agricultor e infinitas possibilidades de relacionar-se com seus pares, possibilidades influenciadas pelo gênero e faixa etária (RADCLIFFE-BROWN, 1973; BOAS, 2011).

Alguns traços culturais implicam da proximidade dos rios e florestas, como as formas de trabalho ou meios de sobrevivência que são sustentados pela própria dinâmica amazônica, com a retirada de peixes e plantio de alimentos regionais proporcionados pela fertilidade ocasionada pelo fluxo de sedimentos nos rios, o que garante alimentação diária por derivados da mandioca e da coleta de açaí (SCHERER, 2004). A organização familiar sofre influência dessa dinâmica, pois:

Cada família cultiva apenas o espaço que corresponde à sua propriedade que, em alguns casos, é delimitada por cercas. Conforme se avança para o centro da ilha, principalmente nas áreas que margeiam lagos e igarapés, o uso dos recursos é feito de forma comunitária e não há mais cercas. Os lagos centrais da ilha são utilizados da mesma forma (ADAMS; MURRIETA; SANCHES, 2005, p. 6).

Distinguindo-se da vida urbana, que sofre influência dos dias da semana, jornadas de trabalho de 6 a 8 horas, a vida dos moradores da Ilha do Combu sofre a influência do ritmo da natureza, do ciclo das águas e chuva, para Sherer (2004, p. 3), “na época da enchente dos rios, a cultura de roça, o cultivo da agricultura para a subsistência, bem como a pesca e a caça ficam em grande parte comprometidas”, resultando em períodos de déficit nutricional e por consequência em agravos à saúde.

As práticas de trabalho ribeirinho, são mais do que formas de manutenção para a sobrevivência, representam as tradições, envoltas de significados por serem práticas repassadas entre gerações. Dentro dessas práticas, cada pessoa possui um espaço e obrigações específicas, quase sempre relacionadas ao gênero e a faixa etária. Os homens atuam como principais provedores por meio da caça e pesca, as mulheres atuam na agricultura e no artesanato (peneiras e cestos de palha e produção de redes de pesca) e preparo de alimentos, cuidado com os filhos e com a casa, os idosos são reconhecidos como principais detentores do saber popular, responsáveis por repassar para as gerações futuras o conhecimento empírico adquirido ao longo da vida. De tal modo, muitas práticas são executadas por todos os membros da família, corresponde à plantação, colheita, preparo do açaí, colheita da mandioca, confecção da farinha de mandioca, a fabricação de peconha (instrumento de palha de açazeiro utilizado para subir na palmeira e colher açaí), tupé (instrumento utilizado para desidratar a semente do cacau) e tarrafa (rede de nylon utilizada na pesca), fabricação e utilização de remédio caseiros, entre outras (BATISTA, 2011).

Esses padrões de atividades que compõem a rotina ribeirinha, enquadram-se no que refere-se a ocupação, que são ações complexas que agregam significado a vida, por meio de um propósito, que requer para seu exercício a integralidade, utilizando habilidade motoras, processuais e sociais, aspectos cognitivos e fisiológicos, aplicada ao desempenho ocupacional. Além das implicações próprias do corpo e mente, há fatores externos que influenciam na ocupação tais como o ambiente, contexto e cultura, diante disso é possível inferir que a forma como essa ocupação será executada dependerá de inúmeros fatores pessoais e coletivos, podendo ser a forma igual, mas o propósito e significado diferente devido ao contexto e ambiente que compõem essa ocupação (CARRASCO, OLIVARES, 2008; SALLES, MATSUKURA, 2013; AOTA 2015).

O fazer humano presente na ocupação é complexo e construindo por uma rede de variáveis elaboradas a partir da cultura e das experiências pessoais, sendo a ocupação composta por três elementos fundamentais, sendo eles: a forma, o propósito e o significado. A forma ocupacional surge da relação entre a ocupação e meio ambiente, podendo ser compreendida como o modo de execução da ocupação, o significado é a consequência da relação entre indivíduo e ocupação, estritamente pessoal atribuído apenas por quem vivencia a ocupação, pois o significado atribuído a ocupação é resultante das experiências, construído ao longo do tempo por meio da interação da pessoa com a ocupação realizada, o propósito corresponde ao objetivo, finalidade para qual aquela

ocupação é executada (SALLES, MATSUKURA, 2013; AOTA 2015; CARRASCO, OLIVARES, 2008).

Entende-se que a ocupação encontra-se na centralidade da vida, e que o engajamento ocupacional, pode influenciar a saúde e a qualidade do viver, agregando valor ao ser, viver e pertencer ao mundo, devido elementos que constroem a ocupação, tais como a rotina, hábitos, papéis e rituais, que são oriundos do desejo e escolha humana e das necessidades fisiológicas, sociais e psicoemocionais (CLARK, LAWLOR, 2011; AOTA, 2015).

A partir dessa necessidade ocupacional, nasce a perspectiva da natureza ocupacional, ou seja, a ocupação como um mecanismo biológico, essencial para o equilíbrio da saúde e bem-estar. Dessa forma, entende-se que o fazer humano está entre os determinantes no processo saúde-doença, pois a ocupação engloba todas as áreas da vida humana, desenvolvendo capacidades físicas e psíquicas, que são de inteira relevância para a saúde, contribuindo significativamente para a subjetividade, podendo ser compartilhado ou não de modo coletivo, então o ser e fazer, colidem dentro do exercício de ocupar-se, podendo ser visível na prática de papéis ocupacionais (CLARK; LAWLOR, 2011; WILCOCK, 1999, MAGALHÃES, 2013).

O engajamento em ocupações produz propósito e significado ocupacional, que se originam da interseção do consciente, inconsciente, onde são interpretados e produzidos o significado da ocupação, como resultante das experiências de vida e da coletividade por meio da relação com aqueles com quem se compartilha a cultura, crenças, valores e práticas ocupacionais em comum (YERXA, 2009).

Dada a importância da ocupação para o desenvolvimento humano, é previsto como um direito social, que produz e agrega significado a vida, seja de modo individual ou coletivo, no caso das populações tradicionais, a ocupação é fundamental para a identidade cultural desses povos, construída por meio do engajamento em inúmeras atividades, que gera uma rede de significados (AOTA, 2015, WILCOCK, 2007).

As ocupações corroboram para a construção da memória local, saberes e fazeres específicos de povos tradicionais, sendo perceptível por meio da manutenção de traços culturais, organização comunitária, envolvimento e valorização do cotidiano (COSTA, 2012).

Nesse aspecto, é importante refletir acerca das ocupações das populações tradicionais, devido a esta relação direta entre ocupação e saúde, pois ocupar-se é desenvolver-se de modo biopsicossocial, ou seja, um organismo que vivencia

simultaneamente os aspectos biológico, social e psicológico, fatores que possui relação direta com a prevenção e reabilitação de doenças. A vivência ocupacional destas populações corroboram para o pertencimento cultural, construindo um estilo de vida que difere dos moldes de vida contemporâneos dos centros urbanos, pois é uma perspectiva ocupacional que perdurou ao decorrer do tempo, enraizada por meio da cultura, crenças, valores e espiritualidade, que compõem a condição humana de viver as margens dos rios em relação com a natureza (WILCOCK, 2007; AOTA, 2015; BELLOCH, OLABARRIA 1993).

Acredita-se que essa forma, propósito e significado ocupacional possuem um objetivo específico para esses povos, o contexto e o ambiente em que estão inseridos constroem esse recorte tradicional de ocupação, que precisam ser conhecidos, a fim de elaborar prestações de serviços que abarquem a singularidade da natureza ocupacional dos moradores das Ilhas, abrangendo e respeitando sua cultura. E por meio desse estudo adquirir conhecimentos para elaboração de práticas sensíveis a essas especificidades, como a manutenção das ocupações de território e de produção de significado e patrimônio material e imaterial, intervenções que sejam pautadas nas singularidades do cotidiano ribeirinho e em marcos da cultura local, tais como o respeito aos papéis e práticas ocupacionais tradicionais (WILCOCK, 2007; COSTA, 2012; AOTA, 2015). Nesse sentido, essa pesquisa buscou compreender como se apresentam as ocupações de moradores da ilha do Combu, em Belém do Pará, Brasil.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Caracterização da pesquisa**

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo Estudo de Caso. A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender e decorrer sobre um fenômeno, por meio da interpretação de dados simbólicos e descrição do seu desenvolvimento, através da utilização de técnicas que possibilitem ao pesquisador compreender ações sociais coletivas ou individuais por meio da interpretação, manejando um rico e complexo sistema de significados, ressaltando a opinião do sujeito pesquisado e, tudo isso possibilita-se por meio de uma prática em campo, refinando a captação de significados atribuídos pelos sujeitos as essas ações, por meio de uma relação direta entre o pesquisador e o sujeito, ocorrendo sempre em um recorte temporal-espacial com foco no

processo social, seus desdobramentos e fenômenos (NEVES, 2006; TERENCE, FILHO, 2006).

Uma característica da pesquisa qualitativa é a presença de narrativas oriundas da subjetividade do objeto de estudo, por isso não há uma única e exclusiva verdade determinada por alguma variável, mas uma rede complexa de propósitos, que o pesquisador compreende e os constrói de modo real, para torná-los palpáveis, produzindo dados teóricos, passíveis as inúmeras técnicas de análise (GÜNTHER, 2006).

A pesquisa qualitativa também se caracteriza pelo caráter humanístico e empático, a influência dos valores e crenças sobre a seleção de métodos e interpretações de resultados e a coleta e o estudo dos dados no contexto natural do objeto de estudo, ou seja, não há controle sobre as variáveis que podem ou não interferir no resultado final, para contornar este fato, o pesquisado não descarta nenhuma variável e as mantém em grau de importância no momento de análise dos dados, que ocorre de modo inter-relacional. Para a elaboração dos resultados qualitativos, manter o anonimato do objeto de estudo se faz de extrema importância, pois devido a carga descritiva, a compreensão de terceiros sobre a identidade dos participantes ou locais alvo da pesquisa poderá beneficiá-los ou prejudicá-los, para evitar transtornos dessa natureza, adota-se a utilização da expressão Entrevistado, seguido do respectivo número de realização das entrevistas, afim de não proporcionar lacunas para a compreensão da identidade (MINAYO; GUERRIERO, 2013; GÜNTHER 2006, JARDIM, PEREIRA, 2009; NEVES 1996).

O método de Estudo de Caso visa coletar informações e compreender de modo sistemático um fenômeno, correspondendo a uma estratégia de pesquisa que poderá gerar ou confirmar teorias científicas por meio do estudo e valorização do contexto, através de análises conhecer em detalhes as informações, avaliar e descrever o fenômeno estudado, transitando entre a complexidade das características e nuances do caso escolhido. (PATTON 2002; GIL 2007; FREITAS, JABBOUR 2011). Para Yin (2005, p. 32), “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” e Martins (2008, p. 11) complementa dizendo que o estudo de caso se faz “mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente quantitativa”.

## **2.2 Universo Da Pesquisa**

A pesquisa realizou-se na Ilha do Combu. Pelo decreto Lei Estadual nº 6.083 de 13 de novembro de 1997, a Ilha do Combú corresponde a uma área de preservação ambiental, medida tomada para evitar a exaustão de recursos e diversidades biológicas encontrados na ilha, estimulando um manejo sustentável das potencialidades biológicas do ilhéu (PARÁ, 1997).

Segundo a Prefeitura Municipal de Belém (2013), o Combu “é a quarta maior ilha do município, estando situada a 1,5 km ao sul da cidade, ao norte pelas margens do Rio Guamá, ao sul circundada pelo furo São Benedito, à leste pelo Furo da Paciência e à Oeste pela Baía do Guajará”. Devido à proximidade da região urbana, a ilha conta com grande fluxo de turistas, visitantes e pesquisadores que anseiam por conhecer a flora e fauna da região amazônica.

### **2.3 Participantes da Pesquisa**

A escolha da família participante se deu em um dia de visita na ilha com propósito de selecionar uma família para participar da pesquisa. Ao chegar na ilha, uma das integrantes da família estava tomando banho no rio em frente à sua casa. Foi apresentada a pesquisa e seus objetivos. Posteriormente, foi realizada a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Portanto, tivemos acesso somente a mulheres, sendo as entrevistadas mãe (61 anos) e filha (36 anos), ambas trabalhavam com agricultura familiar, moravam na ilha desde o nascimento, a mãe de 61 anos, possui ensino fundamental incompleto, morou 2 anos na Capital do Estado por volta dos 14 anos, é casada, tem 7 filhos e trabalha além da agricultura com a extração do óleo de andiroba, artesanato e manejo de açaí. A filha, é casada, ensino fundamental completo, morou em outra Ilha (Boa Vista do Acará) por um curto período e na Capital do Estado por 2 anos durante a adolescência. A Renda fixa da família é de 1 salário mínimo oriundo da aposentadoria da mãe, mais o lucro da venda de artesanatos, açaí, outros frutos regionais, podendo resultar em alguns meses em no máximo 2 salários mínimos. Ressalta-se que ao decorrer da coleta de dados, as participantes receberam a expressão entrevistado (a)1 entrevistado (a)2 e etc.

Utilizou-se como critérios de inclusão: integrantes de uma família de moradores da Ilha do Combu, que aceitaram contribuir com a pesquisa, tendo faixa etária acima de 18 anos, que estivessem residindo exclusivamente na ilha no mínimo 05 anos.

Os participantes deveriam aceitar fazer parte da pesquisa, após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critério de exclusão desta pesquisa, utilizou-se: pessoas menores de 18 anos, que não residam exclusivamente na ilha, tenham se mudado recentemente e que intercalaram a moradia em outra localidade.

Os homens encontravam-se em atividades de agricultura fora da residência. Esta variável ocorrida neste estudo é algo já citado na literatura, para alguns autores devido a constituição dos locais de trabalho.

“[...] as áreas de floresta, dos lagos e de outros ambientes que estão longe do contexto doméstico, constituem espaços principalmente ou exclusivamente masculino, onde ocorrem as atividades tidas como as mais significativas para a economia do grupo. No espaço doméstico, quintais, área das fruteiras e canteiros de hortaliças, o agente principal é a mulher, atuando num espaço onde são realizadas as atividades consideradas de importância ‘menor’(CHAVES, 2004, p. 73)”

## **2.4 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados**

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos da Universidade Federal do Pará, com Número do Parecer: 3.444.131. A pesquisa realizou-se respeitando todos os princípios éticos, previsto pelas Resoluções 466/12 e 510/16, ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS)/Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde. Foram prestados todos os esclarecimentos aos participantes através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual, após explicação dos objetivos do estudo e finalidades dos resultados, entregou-se em duas vias, ficando uma com o participante da pesquisa e outra com os pesquisadores.

O início da pesquisa ocorreu após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos. Para a correta coleta e divulgação de dados, assegurou-se o anonimato aos participantes, em todas as etapas da pesquisa, mantendo em total confidencialidade a identidade de todos os participantes. Os participantes receberam orientações quanto ao direito de negativa em participar da pesquisa sendo disponibilizado uma cópia do TCLE e o prazo de dois dias para refletir sobre a conveniência de participar (ou não) da pesquisa, direito esse que pode ser exercido em qualquer etapas, assim como foram resguardados sobre a recusa de responder a qualquer pergunta, para que não se sentissem obrigados em participar da pesquisa.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e após a leitura e consentimento da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), iniciou a coleta dos dados por meio do protocolo de pesquisa, nos quais foram coletadas informações sócio-demográficas (endereço, contato, renda mensal, escolaridade), sobre a moradia (Quanto tempo de residência no Combu, se já residiu em outras ilhas, o motivo de escolha do Combu e se há interesse em morar em outro lugar e qual o motivo, que descreva como é morar na Ilha do Combu e o que pensa sobre morar na Ilha do Combu) e ocupação atual. Posteriormente, realizou-se a segunda etapa que consta de uma entrevista semi-estruturada com as seguintes perguntas: “*Descreva-me quais e como são as suas ocupações?*”, em que se busca conhecer e compreender as ocupações vivenciadas na Ilha do Combu. A segunda pergunta foi: “*Descreva-me o que você faz no seu cotidiano atualmente?*”, com o objetivo de conhecer as ocupações e o uso do tempo dentro da rotina ribeirinha. Em ambas as perguntas, buscou-se conhecer a forma ocupacional de vida das comunidades ribeirinhas. A terceira pergunta consistiu em “*Qual o propósito dessas ocupações?*”, com o intuito de conhecer os objetivos dessas ocupações. A quarta pergunta consiste em “*Qual o significado de suas ocupações hoje?*”, para compreender o significado que o morador atribuía às suas ocupações e a última pergunta foi: “*Como você avalia nossos encontros?*”, buscando avaliar o espaço oportunizado pela pesquisa.

As entrevistas foram gravadas, posteriormente, transcritas, preservando os dados das participantes, por meio da utilização da expressão entrevistado (a)1, entrevistado (a)2 e etc.

A análise dos dados aconteceu por meio de análise de conteúdo, a partir das respostas as perguntas e gravação da aplicação do protocolo de pesquisa. A análise de dados corresponde a importância atitude de debruçar-se sobre os sentidos que o interlocutor traz em seus discursos, isso ocorre por meio de uma reflexão que o pesquisador deverá realizar acerca das informações dispostas nas falas, para alcançar estas primícias necessita-se de um arcabouço de leituras e discussões para realizar interpretações criativas e fluidas. Para a análise dos dados, carece de manter uma abordagem multifacetada diante dos resultados, a fim de respeitar as singularidades de sentidos atribuídos por sujeitos ao fenômeno estudado (CAMPOS, TURATO 2009).

Esta análise é realizada por meio de registros dos relatos dos participantes da pesquisa, estes registros proporcionam ao pesquisador resgatar a qualquer momento o significado atribuído pela pessoa, evitando assim que alguma informação se perca ou

receba um significado diferente do atribuído originalmente, garantindo então uma interpretação livre das concepções do pesquisador. Outro marco da análise do conteúdo refere-se à realização da inferência, que ratifica conhecimentos estabelecidos anteriormente na literatura científica e gera discursos com um significativo leque de referenciais teóricos sobre o objeto pesquisado (CAMPOS 2004; CAMPOS, TURATO 2009, BARDIN, 2016).

Para Campos (2004) as inferências realizadas sobre o conteúdo analisado, deverão ser embasadas, com referenciais teóricos que apeteçam ao documento de conteúdo produzido nas inúmeras possibilidades de cenários e comunicações.

## **5 SOBRE A FORMA OCUPACIONAL DE MORADORES DA ILHA DO COMBU**

A complexidade da ocupação humana compõe-se de três elementos primordiais, dentre estes, a forma que surge da relação entre atividade e ambiente, correspondendo ao modo de execução da ocupação. Oriunda de uma natureza objetiva, marcado em determinado espaço - tempo e em um ambiente, possui características socioculturais e físicas específicas, sendo uma estrutura preexistente que desencadeia e guia as ocupações, é a resposta e reação a forma ocupacional preestabelecida (NELSON, 1988; CARRASCO, OLIVARES 2008).

A forma ocupacional corresponde ao fazer, seja livre e exploratório ou embasado em conhecimentos historicamente estabelecidos, contudo, sempre em moldes com características que englobam ambiente físico e contexto temporal, apesar de existir formas ocupacionais pré-estabelecidas, podemos verificar pequenos detalhes de execução por cada pessoa que realiza o fazer humano, constituindo assim um modo de expressão de preferências e identidade ao realizar uma ocupação (GOMEZ 2003, ESPINOSA, GOMEZ 2006, ALVAREZ et al., 2007, LIMA, OKUMA, PASTORE 2013)

Podemos considerar a forma ocupacional como um elemento importante da ocupação humana, pois para Costa, Oliveira e Corrêa (2017, p. 548) “a modificação na forma ocupacional pode provocar alterações no significado do indivíduo sobre as suas ocupações”, ao pensarmos nessas modificações, devido acidentes incapacitantes ou limitantes, períodos extensos de internação ou qualquer mudança imposta à pessoa, forçando-a uma nova forma ocupacional que poderá ser interpretada como negativa, gerando sofrimento sobre o fazer ocupacional o que pode ocasionar em abandono das ocupações. Nos achados da presente pesquisa percebeu-se que devido a impossibilidade

de manter um fluxo contínuo de determinados insumos artesanais por conta dos "períodos de safras" os participantes desta pesquisa mudam constantemente a sua forma ocupacional, o entrevistado nº 1 diz que:

"Quando tá na safra de frutas, ele vende polpa de cacau, de cupuaçu de taperebá, só que agora não tá na safra, a gente tem que tá escolhendo as coisas, que é pra ficar tipo um rodizio do que vai ter" (Entrevistado 1).

"Em cada época do ano é uma coisa, aí a gente fica nesse rodizio, quando tem a polpa, vai a polpa, quando num tem a gente já prepara outras coisas pra levar" (Entrevistado 1).

Para melhor compreensão do que seja a forma ocupacional, pensemos na seleção e preparo de gênero alimentício, ao agregarmos o contexto cultural, podemos ressaltar a forma ocupacional de preparo da maniçoba, um alimento típico paraense, herdado da cultura indígena, tendo como umas das características antigas o preparo preferencialmente para ocasiões importantes, tem como principal ingrediente a maniva, que é a folha da mandioca, para o preparo desse alimento, há uma forma ocupacional construída ao longo do tempo e passada de geração em geração, que consiste em cozinhar a maniva por sete dias, pois segundo o saber popular, são necessário 7 dias para a retirada do veneno (ácido cianídrico) presente na mandioca e em suas folhas, outra característica comum, é o preparo no fogão a lenha no fundo dos quintais e o acréscimo de alimentos defumados no decorrer dos dias de cozimento (SANTOS, PASCOAL, 2013; MAUÉS, 2016).

Apesar de estudos recentes revelarem que a maniva não precisa de tantos dias de cozimento, pois segundo Maués (2016):

"Diz-se às vezes, também erroneamente, que a maniva deve ser fervida por dias seguidos para dela retirar o veneno (que está igualmente presente no tucupi). Mas esse veneno – o ácido cianídrico, só existente em quantidade significativa na chamada "mandioca brava" – é volátil e facilmente com pequena fervura pode ser retirado" (MAUÉS 2016, p. 232).

Difícilmente a população mudará a forma de preparo de maniçoba, pois como Maués (2016) relata, "a maniva é fervida durante dias seguidos como parte indispensável do ritual de preparo, também porque a folha deve ser bem cozida para servir ao consumo alimentar".

Nesta forma ocupacional de preparo de alimentos podemos observar, como citado anteriormente pelos autores que discutem sobre assunto, as características que compõem a forma. No preparo da maniçoba observamos uma atividade em relação com ambiente, natureza objetiva, execução em determinado ambiente (dentro das casas e quintas), contexto temporal (datas comemorativas), características socioculturais (aspectos sociais e das culturas indígenas e paraense) e uma estrutura preexistente (etapas do cozimento).

No caso dos entrevistados é mais comum a manipulação de alimentos advindos de plantações próprias, tal como as frutas do que gêneros industrializados, conforme pode ser observado nos trechos:

*“A gente tem que descascar cacau, tem que moer cacau, é assim nos dois que faz” (Entrevistado 1).*

A literatura (SANTOS, PASCOAL, 2013; MAUÉS, 2016) indica que há uma forma ocupacional construída ao longo do tempo e passada de geração em geração e exemplifica a forma ocupacional de preparo da maniçoba, a partir disso podemos refletir sobre a cultura, que dentre os muitos aspectos que podem influenciar no modo de execução de uma ocupação, para este estudo agrega um diferencial, por se tratar de uma pesquisa com povos tradicionais, como podemos observar no relato do entrevistado 1 que verifica-se um trabalho familiar conjunto e intergeracional para ampliar a variedade de insumos artesanais vendidos que contribuem para renda familiar

*“Na verdade somos três, eu, ele e minha mãe, minha mãe faz a parte dela, a andiroba que ela faz, ela extrai o óleo da andiroba” (Entrevistado 1).*

Uma coisa em comum entre o preparo da maniçoba e o que foi relatado é o tempo para a extração do óleo de andiroba, a outra entrevistada descreve a forma do manejo da andiroba:

*“Eu tenho um cultivo que é a coisa da andiroba, que eu junto a andiroba e produzo o óleo da andiroba, que é coisa que armazena, fica lá durante 1 mês quase. pra gente poder tirar da casca, pra produzir o óleo, enquanto ela tá coisando eu já tô fazendo outra coisa” (Entrevistado 2).*

Percebe-se que o tempo de preparo requer várias etapas e um tempo de espera grande, assim como no cozimento da maniçoba citado por Maués (2016). No entanto,

difícilmente a população mudará a forma de preparo pois o tempo se constitui como parte indispensável do ritual de preparo que compõem o processo realizado por esses sujeitos (Maués, 2016).

A cultura, para Mcgruder (2011), se revela como algo real, apesar de intangível e abstrata que compõe os processos singulares que nasce em determinado território (MCGRUDER 2011). Outra característica da cultura é a maleabilidade, embora o senso comum gere concepções que a cultura possa ser natural, que nasce em determinado território, os traços culturais são ensinados e repassados ao longo da formação individual e coletiva, sendo sujeita as mudanças como resposta a agentes externos, revelando uma dinamicidade que é oriunda das interações com esses agentes que podem ser pessoas, fatos históricos, econômicos e políticos (MCGRUDER 2011). Nesse sentido, o contexto sociocultural tem forte influência na elaboração e execução do passo-a-passo de determinadas atividades, as quais são repassadas ao longo de gerações ao longo da formação individual e coletiva (MENDONÇA; FERRAZ 2007; MCGRUDER, 2011).

Ocorre de em determinados contextos culturais haver modos preestabelecidos para um engajamento ocupacional esperado naquele contexto, como o preparo da andiroba, citado anteriormente, mas cabe a cada pessoa seguir ou não estas normas, que pode se considerar como saberes socialmente construídos na prática, experiências essas que necessitam ser consideradas e esse reconhecimento das distintas dimensões que caracterizam a essência da prática, poderá favorecer um engajamento da pessoa.

Mcgruder (2011) enfatiza que a cultura possui forte influência sobre os valores humanos, sendo estes valores em grande parte fomentados pela cultura, podendo ser visto como valores culturais, que são responsáveis por nortear as escolhas e preferências ocupacionais. Esses valores culturais são fruto das interações com a comunidade e a localidade e para Huot e Rudman (2010), a relação que as pessoas desenvolvem com o local, constroem de modo significativo a identidade, sendo assim podemos pensar sobre como a dimensão sociocultural e as ocupações interagem, construído além da identidade, os aspectos de forma, propósito e significado ocupacional, para Larson, Wood e Clark (2005) referem como o leque de atividades que preenchem o viver humano correspondem as ocupações, sendo nomeados assim pela cultura.

A identidade ribeirinha relaciona-se com a natureza e as práticas vivenciadas, sendo suas preferências e engajamento ocupacional relacionando com o território, como podemos observar nos seguintes relatos:

*“O nosso viver na natureza” (Entrevistado1).*

Tanto a ocupação quanto o local são reconhecidos como tendo relações recíprocas com a identidade, o envolvimento com a ocupação e lugar são moldados pela identidade, sendo esta, fruto dessas contínuas relações, que são apenas influências e não determinadas, pois cada pessoa processa de modo particular e único suas experiências com a comunidade e ocupação. Nesse sentido, o contexto sociocultural tem forte influência na elaboração e execução do passo-a-passo de determinadas atividades, as quais são repassadas ao longo de gerações (BONDER, MARTINE, MIRACLE 2004, GOMEZ 2003, MENDONÇA; FERRAZ 2007).

Em relação aos participantes da pesquisa, percebeu-se o saber construído na prática, através das características de suas ocupações, tais como modo de dormir, se alimentar e trabalhar, conhecimentos adquiridos empiricamente e repassados por gerações. Para Nelson (1988), a forma ocupacional, sendo a parte palpável da ocupação humana, é um conjunto de objetivo e circunstâncias que não dependem do sujeito, composta por uma realidade sociocultural que existe de modo independente e que resulta do entrelace social e cultural, se constrói como resultante da história, podendo ter caráter previsto, ritualístico ou com similaridade devido às variações típicas ou interpretações.

O primeiro elemento elencado nessa pesquisa, refere-se a forma de ocupar-se de residir na ilha do Combu, ao decorrer das entrevistas este elemento foi citado e valorizado várias vezes pelas participantes. Para melhor compreensão deve-se refletir que a definição de conforto, segurança e bem-estar possuem formas diferentes em cada cultura. Scherer (2004) explana que a convivência com o ecossistema de floresta e rios define quase todo o modo de vida dos “Povos das Águas”, dentre essas definições podemos citar o modo singular de moradia, específica desses povos, as margens dos rios em casas estilo palafitas, sendo esse um dos traços visíveis da cultura ribeirinha.

*“Isso, aqui é bem mais tranquilo a nossa convivência, é tranquila em todos os sentidos né, pra gente criar nosso filhos, o nosso viver na natureza, sai de dentro de casa e tomar um ar puro que na cidade não é a gente chega e já sente aquele impacto, a gente não tem aquele ar, de manhã a gente vê os pássaros cantar é uma maravilha (risos), pra mim é maravilhoso, eu gosto muito” (Entrevistado 1).*

*“Eu me sinto à vontade aonde a gente mora, pra mim é uma natureza maravilhosa” (Entrevistado 2).*

Para Bonder, Martine Miracle (2004), a cultura corresponde há um aspecto da ocupação e percepção em saúde de grande peso, emergem da interação da pessoa com as características em seu entorno, sendo assim os aspectos simbólicos da cultura ao se relacionar com a identidade produzem ações que reafirmam a identidade cultural. Nessa pesquisa, se verifica a autodeclaração de ribeirinho, uma identidade cultural que nasce dessa relação entre o local, cultura e ocupações (BONDER, MARTINE MIRACLE, 2004).

*“Sim. Me declaro ribeirinha(Entrevistado 1)”*

*“Sim. Sou ribeirinha(Entrevistado 2)”*

Ambas as entrevistadas se declaram como Ribeirinhas e em seus relatos trazem um enfoque revelador quanto a sua moradia, o que podemos dizer como a forma de residir no combu, não sendo algo comum como residir em uma casa, em um bairro, mas as margens dos rios, vivenciando e dando continuidade a uma cultural sécular, que sobrevive a todos os intempérios econômicos e inclusive ambientais.

*“Meu endereço é Ilha do Combu, igarapé ((informações retiradas para preservar o anonimato)(Entrevistado 1).”*

*“eu sou nascida e criada aqui, 61 anos, sou filha do vizinho bem dali da frente (risos) , meus pais moram mais ali na frente, meu irmão mora mais ali e a do meu pai mais lá frente , meu outro irmão mais la na frente, todo mundo mora no mesmo rio (Entrevistado 2).”*

Essa forma de residir, é tecida por algumas características materiais e ambientais que são adaptativas e peculiares, como a consideração dos recursos naturais em prol do tipo de construção da casa, predominantes em estilo palafitas, que são moradias feitas as margens dos rios, suspensas em trapiches e com pontes, pois localizam-se antes da área de “vazante” do rio, formando em frente a casa uma espécie de “praia”, um espaço de terra que é visível quando o ciclo de vazante ocorre e ausente durante o ciclo de enchente do rio, estas casas são preferencialmente de madeira, devido o peso e o tipo de solo de varzea (NODA et al., 2001, SCHERER 2004a, 2004b).

Em alguns trechos pequenos nas entrevistada, são relatado a presença da ponte em frente da casa e área em frente a casa, onde comumente é utilizada para o banho, pois apesar da vazante dos rios ainda há a presença de água, apenas em um menor nível.

*“Tá toda bagunçada, a ponte, até umas cinco horas (Entrevistado 2)”*

Para Bonder, Martine Miracle, 2004, essa interação entre as pessoas e locais específicos, elabora a cultura, no contexto amazônico, observa-se isso, nas ilhas e com seus moradores, transcendendo a cultura ribeirinha, podendo ser observada desde a forma de moradia, realização e tipo de atividades de vida diária e as ocupações presente no cotidiano ribeirinho.

A forma ocupacional corresponde também ao fazer rotineiramente, o que podemos encontrar nas atividades de vida diária (AVDs), estas atividades preenchem a rotina das pessoas, são realizadas para o cuidado e manutenção da saúde, tais como cuidados com o corpo referente a alimentação, vestuário, atividade sexual, higiene e autocuidado (MELO; MACINI, 2007). Algumas atividades são comuns em quase todas as culturais, como a higiene e cuidado com corpo, sendo a mais comum o ato de tomar banho, a forma como se realiza varia conforme a cultura e ambiente. Neste estudo, verificamos que o ato de se banhar no rio é uma forma que é resultante do ambiente físico e dos costumes vivenciados ao longo das gerações, podendo ser presente na fala do entrevistado 1 e 2.

*“Tomo banho no rio de manhã, de tarde que nem quando vocês passaram, à noite, depois da novela, eu tô tomando banho, 22:00 da noite é bom demais, tomar um banho, deitar e dormir (risos) é bom demais” (Entrevistado 2).*

Para Pojo, Elias e Vilhena (2014), a relação dos ribeirinhos com a água resultam de uma vida atrelada a esse contexto ambiental e a ‘essência viva’ dos ciclos das águas, resultando em saberes das águas. Essa relação começa muito cedo, ainda na infância, com o ato de tomar banho nos rios e se fortalece com a pesca, locomoção e lazer. Tomar banho para os ribeirinhos não é peculiar apenas por suas características ambientais diferentes do meio urbano, mas por todos os elementos que compõem esse cenário, tais como, o banho em público, sozinho ou com companhia, em frente à casa ou ao fundo no quintal, podendo ser para higiene ou para o lazer, ou ambos, ratificando a identidade ribeirinha que nasce da intimidade e segurança em está dentro das águas, desde da infância a velhice (POJO; ELIAS; VILHENA, 2014).

Existem também as atividades instrumentais de vida diária (AIVD’s), que para a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2015) corresponde as “Atividades de apoio à vida diária dentro de casa e na comunidade, que muitas vezes necessitam de interações mais complexas que as utilizadas nas AVDs”. Nesta pesquisa,

destaca-se o estabelecimento e gerenciamento do lar, que corresponde à manutenção e aos cuidados com o lar, ambiente externo e bens pessoais. Dentre as AIVDs, destacadas pelas participantes, encontram-se o preparo de refeições e limpeza que se dá ao ato de “Planejar, preparar e servir de forma equilibrada refeições nutritivas e limpar alimentos e utensílios após as refeições” (AOTA, 2015, p. 21).

*“A gente pesca aqui no rio, aqui no igarapé, põe o matapé aí pesca (Entrevistado 1).”*

*“Horta, que foi ensinado como produzir uma horta, assim vou fazendo quando chega a tarde eu volto de novo pra minha rotina de dentro de casa, é merenda da tarde, é o açaí pra bater, bater o açaí pra janta, e assim que posso o dia todinho (Entrevistado 2).”*

Nesta pesquisa, dentre as formas de saberes construídos nas experiências ocupacionais das participantes, encontramos a extração do óleo de Andiroba (*Carapa procera* e *Carapa guianensis*), que tem um importante espaço na vida dos povos tradicionais. A utilização do óleo da andiroba se desdobra ao longo do tempo, seja para alimentar lamparinas, para uso pessoal e coletivo por meio da medicina tradicional popular ou para a venda de produtos naturais. Tendo participação tanto nos aspectos econômicos das regiões amazônicas como nos cuidados em saúde, o conhecimento do processo tradicional de extração é repassado por meio da oralidade de geração em geração (MENDONÇA; FERRAZ 2007). Nos relatos das participantes da pesquisa, percebeu-se que a presença desse conhecimento foi adquirido e executado apenas pela participante de mais idade, que possui 61 anos.

*“Eu tenho um cultivo que é a coisa da andiroba, que eu junto a andiroba e produzo o óleo da andiroba, que é coisa que armazena, fica lá durante 1 mês quase. Pra gente poder tirar da casca, pra produzir o óleo, enquanto ela tá coisando, eu já tô fazendo outra coisa” (Entrevistado 2).*

A forma de extração tradicional do óleo é complexa, composta por etapas e exige um tempo significativo de 1 a 2 meses, para alcançar o resultado. Devido as variáveis do processo é necessário um conhecimento peculiar da execução e manejo de todas as etapas, por isso, em alguns locais, nem todos os integrantes da comunidade realizam a tarefa, sendo as pessoas mais velhas da comunidade, as detentoras desse arcabouço empírico construído com os ensinamentos de gerações passadas e da execução contínua do processo. Podemos observar esse fato no relato a seguir:

*“Minha mãe faz a parte dela, a andiroba que ela faz, ela extrai o óleo da andiroba” (Entrevistado 1).*

No relato da filha, a mãe de 61 anos, é a responsável pela produção do óleo da Andiroba, sendo a “parte dela” a extração e confecção do produto. Processo esse que percorre até 2 meses até a finalização, sendo as suas etapas:

“1.A coleta, seleção de sementes boas e um primeiro armazenamento (3-15 dias). 2.O preparo da massa pelo cozimento das sementes em água (1-3 horas), um segundo período de armazenamento (até 20 dias) e finalizada pela retirada da casca e o amassamento das amêndoas. 3. A extração do óleo (até 30 dias), pelo gotejamento colocando a massa sobre uma superfície inclinada” (MENDONÇA; FERRAZ 2007, p. 354).

Dentro do contexto cultural, a forma de execução de uma determinada ocupação poderá ser repassada ao longo de gerações, desde o passo-a-passo para extração do óleo de andiroba, como citado anteriormente ou o preparo dos alimentos para as refeições como o jantar, assim como a seletividade e as preferências se ocupar de se alimentar de determinados alimentos, dentre eles o açaí.

O açaí (*Euterpe oleracea*) é um fruto nativo da região amazônica, suas palmeiras são facilmente observáveis ao longo dos terrenos ribeirinhos, principalmente, na área de várzea, utilizado tanto para consumo como para comercialização, os ribeirinhos estabelecem uma estreita relação com o fruto (MURRIETA, 2008; SANTOS, SENA, HOMMA, 2012). Neste estudo, o açaí ocupa o espaço principal nas refeições, assim como alimentos à base de mandioca, tais como farinha d’água, podendo ser consumido em forma de polpa com ou sem açúcar, com ou sem farinha d’água, o fruto passa por popularmente conhecido como “Bater açaí”, que corresponde ao processo responsável pela obtenção da polpa do fruto, começando pela lavagem, imersão na água para amolecimento e em seguida o despulpamento (SANTANA; CARVALHO; MENDES, 2006; MURRIETA 2008). Nos relatos das participantes, o ocupar-se de tomar o açaí está presente no dia-a-dia especialmente no jantar, correspondendo a forma de preparo do jantar o ato de “batê-lo” diariamente para o consumo, podendo ser verificado nas seguintes narrativas:

*“É o açaí pra bater, bater o açaí pra janta” (Entrevistado 2).*

*“Ai de tarde bate açaí pra jantar né, dá banho em criança e põe pra dormir (risos)” (Entrevistado 1).*

Outro aspecto interessante é a disposição desses alimentos, sempre oriundos das hortas no quintal, plantações e pesca, como revelado pela entrevistada 1 que relatou que pesca em frente à sua casa.

*“A gente pesca aqui no rio, aqui no igarapé aqui em frente mesmo, põe o matapi aí pesca” (Entrevistado 1).*

A utilização do matapí corresponde a uma forma de captura de camarão, sendo uma ferramenta confeccionada pelos próprios ribeirinhos, é um tipo de armadilha de formato cilíndrico, produzida de tala de mirití, uma árvore comum na região (ARAÚJO et al 2014; NASCIMENTO et al., 2019).

O que compõe a forma são os materiais, ambiente, contexto humano e temporal, que mesclados resultam em uma esfera multidimensional manifestado no fazer humano. Engajar-se nesse fazer, às vezes, requer um processo de adaptar-se as novas demandas da vida, por inúmeras causas, algumas ocupações podem ter sua forma modificada quase que de modo integral, isso poderá ocorrer por processos de adoecimento, mudanças de ambiente, contextos e fatores socioeconômicos, vivenciar a experiência de ser ocupacional requer adaptação as novas demandas dentro da rotina (WILCOCK 2006, YERXA 1993, COSTA et al., 2017). Com o processo de urbanização, advento tecnológico e proximidade da Ilha ao centro urbano, novas formas ocupacionais surgiram para as comunidades ribeirinhas, dentre elas, algumas com contribuições para a qualidade do viver, conforme relato a seguir.

*“Puxo água todo dia, mas com a bomba, até porque não to podendo muito carregar água, eu lavo roupa com água da caixa puxado daqui, mas é colocado o sulfato de alumínio, pra clarear a água. Tem máquina antes era na mão, Deus o livre, muita roupa porque eu tinha um bucado de filho, 7 filhos (risos)” (Entrevistado 2).*

É de suma importância ressaltar que apesar de associarmos a ocupação como algo positivo, há também ocupações que geram prejuízos a saúde individual e coletiva. Para Dickie (2011, p.19), “a ocupação também pode ser insalubre, perigosa, de má adaptação ou destrutiva para si ou para os outros e podendo contribuir para problemas sociais e para a degradação ambiental”. Neste estudo, segundo relato dos entrevistados, a nova forma de transporte das frutas tem prejudicado a manutenção das formas de algumas ocupações.

*“Fazer oficinas de artesanatos, pra ver como é que faz e resgatar a nossa cultura aqui que tá se perdendo principalmente dessas rasas, antes vendia o açaí em rasas, ai hoje em dia já não é mais em rasa, é em baqueta” (Entrevistado 1).*

*“As rasas são peneiras de guarumã que faziam, antes faziam, hoje já não tem, a gente tá tentando resgatar isso, vendo uma forma de resgatar aquilo que tá se perdendo, nosso vê pra frente é esse” (Entrevistado 1).*

Segundo Homma et al., (2006, p.12), “A rasa de arumã constitui-se em uma invenção nativa de grande versatilidade para o transporte em canoas e outros tipos de embarcações que apresentam espaços curvos no seu interior”. Arumã (*Ischnosiphon ovatus Kcke*) é espécie nativa, da qual se extrai as talas para a fabricação dos rasas, essa fabricação é realizada pelos próprios ribeirinhos, utilizando técnicas para trança-las e Homma et al., (2006) nos revela em seus estudos que existia uma linha de produção com divisão de tarefas, em que toda a família se envolvia, porque além do armazenamento de alimentos para consumo ou venda, as rasas são vendidas.

O abandono gradativo do uso das rasas no transporte e venda de frutos, prejudica não apenas a perda do artesanato e repasse das técnicas de confecção, mas também dificultam a mobilidade por meio das embarcações, pois as baquetas de plásticos, possuem um formato que dificulta o transporte em pequenas canoas, devido o espaço que requerem e ainda há o quesito de degradação ambiental, visto que o plástico permanece no meio ambiente por mais tempo do que a palha e talas de arumã (HOMMA et al., 2006).

Compreende-se que a forma ocupacional sofre influência dos aspectos ambientais e temporais, visto que a modernidade tem alcançado gradativamente as ilhas. Neste estudo, percebeu-se a influência ambiental por meio do ciclo na natureza, tais como clima, período de chuva e ciclos de cheia, entre outros, que podem suspender ou mudar completamente o modo de execução das ocupações, características visíveis nos relatos a seguir:

*“Depois, eu saio para fazer a colheita do açaí junto com eles, esse período agora nós tá na safra, do açaí, então eu vou ajudar eles, quanto eles apanham eu vou debulhando o açaí, quando dá umas 09:00 a gente, já tá em casa, de volta já, já colheram o açaí, já vai saindo pra Belém pra vender” (Entrevistado 2).*

*“A gente tem açaí e tem cacau, agora não é safra do cacau, é o açaí que a gente tá colhendo, o cacau tá na entressafra, ainda não tem ainda (Entrevistado 1)”.*

*“A gente tem que ta escolhendo as coisas, que é pra ficar tipo um rodizio do que vai ter , em cada época do ano é uma coisa, ai a gente fica nesse rodizio, quando tem a polpa, vai a polpa, quando num tem a gente já prepara outras coisas pra levar” (Entrevistado 1).*

*“O cacau a gente faz brigadeiro, faz bombom do cacau orgânico e ele leva as vezes açaí, as vezes ele leva camarão, é variado, leva castanha” (Entrevistado 1).*

*“Aí vende também quando ta na safra de frutas, ele vende polpa de cacau, de cupuaçu de taperebá, só que agora não ta na safra” (Entrevistado 1).*

Por meio das falas das entrevistadas podemos refletir sobre interferência dos fatores ambientais e climáticas no contexto temporal da agricultura familiar, sendo estes alguns dentre os muitos aspectos que podem influenciar no modo de execução de uma ocupação, o que podemos pensar como uma diferencial ao se tratar de uma pesquisa com povos tradicionais amazônicos, que requerem adaptações aos agentes externos e a dinamicidade do clima e as especificidades da fauna e flora amazônica (SCHERER 2002; MCGRUDER 2011)

## **6 SOBRE OS PROPÓSITOS OCUPACIONAIS DE MORADORES DA ILHA DO COMBU**

Entende-se a ocupação como uma construção subjetiva da pessoa dada pelo propósito e significado ao realizar uma forma ocupacional através do qual emerge experiências únicas entre a pessoa, o ambiente e as atividades desenvolvidas, devido às diferenças e particularidades de cada contexto (CARRASCO; OLIVARES, 2008), tal qual o contexto de interação direta pelas populações ribeirinhas.

Para Gomez (2003), o propósito para qual a ocupação realiza-se está relacionado com a finalidade, ou seja, com o objetivo final que deseja-se alcançar com este fazer. Tendo assim um resultado pré estabelecido, o propósito ocupacional sofre influência de aspectos socioculturais.

A população ribeirinha tem como principal característica residir a beira ou próximo aos rios. Para Nascimento et al., (2019, p.12 ), “esse importante aspecto ambiental, bem como o isolamento e a notória vulnerabilidade social moldam o comportamento ocupacional e o cotidiano dos seus habitantes ao longo da vida de modo diferenciado ao contexto urbano”.

Este aspecto do ambiente físico, que para AOTA (2015), corresponde a localização e os elementos naturais ou construídos que compõem esse espaço, quando em relação com as pessoas e as ocupações vivenciadas, desenham elementos importantes na histórica coletiva e individual. Para Bonder, Martine e Miracle (2004), a interação entre indivíduos e localidades específicas expressam a cultura de um determinado povo, sendo assim, a partir de interação, há o aprendizado de elementos significativos que serão compartilhados de modo coletivo e individual.

Residir nesses locais, tais como a Ilha do Combu, não é apenas uma consequência cultural, mas também uma escolha, ambas entrevistadas já residiram em um centro urbano, mas afirmaram não se adaptar a realidade urbana, retornando a Ilha. Morar nesse contexto ribeirinho, para as participantes desta pesquisa está associado a segurança, tranquilidade, bem estar e conforto, isso pode ser claramente observado nos seguintes relatos:

*“Ah, eu não sei, não me acostumo, principalmente a quentura, aqui já é quente, a cidade é bem mais quente que aqui, é o barulho, que eu gosto, onde é mais calmo, lá é mais barulho, é como que fala.... Violência que tá muito grande, a gente não tem segurança nenhuma. Ai por tudo isso, aqui é bem mais tranquilo a nossa convivência, é tranquila em todos os sentidos né, pra gente criar nosso filhos, o nosso viver na natureza, fora da poluição sonora (risos) todo em geral e aqui gente é melhor” (Entrevistado 1).*

*“Porque não me acostumo com o clima de Belém, o calor e a violência, a violência como diz o outro, tá muito grande, eu num tenho... é muito quente, a gente num se sente à vontade em Belém” (Entrevistado 2).*

Um ponto importante e diferente levantado durante as entrevistas corresponde ao propósito de aprender novas ocupações, como o artesanato referido pela Entrevistada 1, sendo a curiosidade uma característica pessoal herdada que auxilia no alcance de seu propósito relatado – a aprendizagem, denominados por uma das entrevistadas como curiosidade ser algo herdado. Observa-se também que o relato da Entrevistada 2 evidencia a transmissão direta dos fazeres de pais aos filhos, assim podendo constituir um dos propósitos responsáveis por suas participações ocupacionais de ambas entrevistadas, conforme os relatos a seguir:

*“Propósito, olha o propósito, eu adoro artesanato, eu gosto de fazer, de aprender, de ir aprendendo, eu sou igual a minha mãe, eu sou curiosa, vou querendo aprender” (Entrevistado 1).*

*“Eu já tive curso de manejo, e o que eu aprendi eu vou tentando levar a diante, eu faço curso de manejo junto com meu filho que fazendo espaçamento de árvore de açaí, quer dizer que no manejo que a gente faz aproveitamento do palmito, tudo isso a gente faz, vai trabalhando nessas áreas aos poucos entende e todo isso aí eu gosto de participar” (Entrevistado 2).*

Para Freire (1997), a construção e produção de conhecimento é oriunda da curiosidade, do colocar em prática e exercê-la, quanto mais espontaneamente se vivencia, mais intensifica-se, convocando a imaginação e emoções, abrindo o ser para existência humana ao mundo que há em nosso redor, nesse caso, as possibilidades de reinventar-se enquanto profissional e pessoa, com o propósito de aprender novas formas e sentir-se contemplada com a aquisição de conhecimento para atuar nas ocupações que apeteçam.

Outro fator a ser destacado e apontado pela literatura se refere a constituição de “marcas de pertencimento ao mundo ribeirinho” (RIBEIRO; BEZERRA; FERREIRA, 2018, p.02), que podem se constituir como processos de identidade em que permeiam propósitos e vínculos de pertencimento das práticas e vivências do ribeirinho (como o artesanato, o manejo do açaí, emergido das falas dos entrevistados) que se formam tanto pelas gerações que traduzem o que é culturalmente singular quanto para aquelas que aprendem e futuramente perdurarão esses fazeres (SILVA, 2017). E que produzem sentimentos de bem-estar:

*“Eu faço porque eu gosto, me sinto muito bem em fazer tudo isso, o dia que eu não poder fazer mais (pausa) ah meu Deus (risos) eu gosto demais” (Entrevistado 2).*

No que tange a aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos, diante da proximidade ao centro urbano e o crescente turismo na Ilha do Combu, revela que aos poucos, novos elementos são introduzidos a vida ribeirinha, desde a máquina de lavar roupa, o motor para gerar energia e as basquetas de armazenamento do açaí. A priori, ao se utilizar desses novos elementos, faz-se para otimizar os afazeres domésticos, ter praticidade e bem estar, contudo, a medida que novos elementos são introduzidos, os antigos perdem a funcionalidade e importância, em determinados momentos, isso não gera grande prejuízos, mas em outros, significa uma perda paulatina de traços culturais, identificou-se no relato da Entrevistada 1, Conforme indica o seguinte trecho:

*“A gente quer resgatar isso né que tá se perdendo, rasas são os paneiros de guarumã que faziam, antes faziam, hoje já não tem” (Entrevistado 1).*

Estes objetos utilizados para o transporte e armazenamentos de frutas, principalmente, do açaí, são resultantes de conhecimentos construídos na prática, transmitido de geração em geração através do ensinamento da técnica de trançar a palha no formato de cesto. Como citado anteriormente, ao falar sobre a forma, pais ensinavam à seus filhos, os avós aos netos, sendo inclusive uma atividade realizada em família, durante um determinado tempo dedicado a confecção dos cestos para utilizá-los, conforme as demandas de armazenamento ou venda. Para as entrevistadas, em seus planos de trabalho para o futuro, as novas formas de trabalho, tem como propósito o resgate e valorização cultural.

*“A gente quer montar uma casa de artesanato aqui, a gente quer fazer, aí nosso propósito é esse de montar, a gente tá apresentando pro público e também fazer oficinas de artesanatos, pra vê como é que faz e resgatar a nossa cultura aqui que tá se perdendo principalmente dessas rasas” (Entrevistado 1).*

*“Trabalhando o meio ambiente desenvolvendo uma coisa tentando deixar algo pros meus filhos, meus netos não sabem nem o que é dizer assim – eu vou descer e fazer o espaçamento de uma coisa e outra – mas tudo isso é falta nossa, porque a gente desceu pra lá e muitas vezes não chama bora aqui eu vou te ensinar como tu trabalha isso aqui e isso dali e isso é uma coisa que gera mais tarde uma renda pra gente porque quando a gente produz não é só produzir e sim organizar aquela produção que a gente tem que é pra gente ter uma boa produção ,a gente tem que fazer isso” (Entrevistado 2).*

Jesus e Ertzogue (2018), em seus achados, discutem as perdas simbólicas e os “saberes tradicionais” da comunidade ribeirinha do rio Tocantins nos casos de deslocamentos forçados por obras de barragens e remoção das famílias. Por meio dos achados desta pesquisa, se identificou outro fator que pode levar a perdas simbólicas, a chegada de características da vida contemporânea da cidade. Nessa perspectiva, pesquisas qualitativas são importantes para evidenciar os impactos simbólicos, e por vezes “silenciosos”, no cotidiano de pessoas das comunidades ribeirinhas (JESUS; ERTZOGUE, 2018).

## **7 O SIGNIFICADO OCUPACIONAL PARA MORADORES DA ILHA DO COMBU**

O significado de ocupar-se, é elaborado ao longo das experiências pessoais e diárias que constroem nossa identidade pessoal, não sendo algo estático e definido, mas fluído e contínuo, influenciado por todos os âmbitos em que estamos inseridos e que gestam nosso processo pessoal, complexo e inconsciente (GOMEZ, 2003).

Diante disso, as comunidades tradicionais, que permanecem as margens das águas amazônicas, apresentam resistência diante da coerção do estilo de vida contemporânea e mantêm um modo singular de vida, ocupação, identidade cultural e simbólica, crenças, valores e espiritualidade, ou seja, seu padrão de vida corresponde a um comportamento que compactua com a vida comunitária e uma cultura singular, apesar da proximidade do centro urbano, marcando então, uma identidade ribeirinha (BATISTA, 2011). Esse declarar-se e sentir-se ribeirinho, se reafirma não apenas pela forma e propósito de suas ocupações, mas em especial pelo significado ocupacional atribuído.

Além da forma e propósito de morar na ilha do Combu, buscou-se compreender o significado que essa moradia tem para as participantes desta pesquisa, nos seguintes relatos:

*“Aqui é bem mais tranquilo a nossa convivência, é tranquila em todos os sentidos né, pra gente criar nossos filhos, o nosso viver na natureza (Entrevistada 1).”*

*“Pra mim é muito bom demais, eu me sinto à vontade aonde a gente mora, pra mim é uma natureza maravilhosa, dentro da minha casa é eu e o meu marido (Entrevistada 2).”*

Rowles (2011) traz a reflexão sobre o quanto o bem-estar e o “eu” influenciam-se com a relação pessoa-ambiente, relação essa que se elabora ao longo da vida, sendo um fenômeno dinâmico nunca acabado, mas em construção contínua. Nos relatos das participantes, notou-se o quanto estar e viver na ilha, gera um sentimento de bem-estar, não apenas por estar no lugar, mas por sentir-se no lugar, o sentir transcreve o significado da moradia.

Morar na Ilha do Combu, teve o significado de lar, e para Rowles (2011), o lar é descrito como um território e uma propriedade, que para as participantes, o lar se estende para além da casa, abrange o quintal e toda a extensão de terra que estão sobre sua posse e onde realizam suas atividades, como podemos observar no seguinte relato:

*“Eu tanto passeio dentro de casa, como gosto de tá andando, limpando o terreno, é plantando, e pra mim é maravilhoso tá nessa casa (Entrevistada 2)”.*

Nesta pesquisa esse lar refere-se também a segurança, ao conforto e a liberdade, sentir e experimentar antigas e novas sensações, morar e estar no lar significa relaxamento e privacidade nesse espaço aberto e cercado pela floresta, definindo quem se é e como se vive, nesse caso, o ser e sentir-se ribeirinho (ROWLES 2011). Nos relatos seguintes, podemos perceber “a paz e bem-estar” sobre morar na Ilha do Combu:

*“Ah eu acho maravilhoso (risos), é muito bom, só sai de dentro de casa e tomar um ar puro que na cidade não é a gente chega e já sente aquele impacto, a gente não tem aquele ar, de manhã a gente vê os pássaros cantar é uma maravilha (risos), pra mim é maravilhoso, eu gosto muito, (Entrevistada 1).”*

*“Morar... olha ... pra mim é a melhor coisa que Deus pode proporcionar pra gente foi morar, ter a nossa estadia e poder viver daqui, do açaí, das coisas que a gente tem, poder tá aqui pra mim é maravilhoso morar aqui (Entrevistada 1).”*

Engajar-se em ocupações, para as pessoas do contexto das entrevistas, tem o significado ocupacional de satisfação, de realizar aquilo que é do interesse individual, em que a palavra “*renda*” faz alusão ao quesito econômico fora citada apenas uma vez em um dos relatos, nos demais, as expressões mais utilizadas por ambas às entrevistadas, são “*eu gosto*”, assim como revela-se a importância de fazer aquilo que se gosta tem para as participantes da pesquisa.

A afinidade e interesse por determinadas ocupações favorecem o engajamento e atribui sentido à vida humana, sendo o significado ocupacional, o elemento da ocupação de caráter subjetivo, pois se revela da interpretação pessoal, quando busca-se compreender o significado, devemos estar ciente que as respostas serão influenciadas pelo arcabouço de vida individual, as características de vida e experiências vivenciadas em determinadas circunstâncias pelas pessoas (GOMEZ 2003). E ainda, pode ser atravessado pelo significado de pertencimento dos ribeirinhos em seu território (lar) (SILVA, 2017).

Apesar do compartilhamento da mesma cultura entre as participantes ribeirinhas e formas de trabalho, bem como, atividades de vida diária e instrumentais de vida diária, o significado embora a priori possa parecer similar, também se revela de caráter pessoal, como podemos observar no relatos em que para ambas as entrevistadas,

o sentimento materno influencia no significado ocupacional, porém, de modos diferentes, a idade e a relação com os filhos influenciara no significado ocupacional atribuído. Para a Entrevistada 1, significa está próxima aos filhos pequenos e, para a Entrevistada 2, significa produzir uma herança que será deixada para os filhos.

*“aí (suspiro) aí (risos) pra mim o significado é importante pra mim, primeiro por gostar, eu gosto do que eu faço, como meus filhos tão pequeno, eu não posso me ausentar, então eu tô em casa, tinha que ter uma ocupação em casa pra fazer aqui (Entrevistado 1).”*

*“o que significa essas ocupações pra mim é que eu tô trabalhando com aquilo que eu gosto, isto também trabalhando o meio ambiente desenvolvendo uma coisa tentando deixar algo pros meus filhos (Entrevistado 2).”*

As relações socioculturais, influenciam na divisão do trabalho, neste caso, o gênero, muitas vezes, podem predeterminar o papel de cada pessoa dentro da rotina familiar, nesta pesquisa as mulheres, demandam um tempo significativo direcionando cuidados aos filhos e a casa, essa hierarquia de papéis ocupacionais, podem ser interpretados como consequência do modelo de vida ribeirinha. Essas variáveis podem influenciar no significado que as mulheres atribuem ao ocupar-se como mãe, independentemente da idade de seus filhos, pois a maternidade corresponde a um processo complexo e contínuo, quer requer adaptações e dedicação (CHAVES; ABREU; BINDÁ, 2004; MAIA; SILA 2012; LOPES, 2013, FRAGA; DITZ; MACHADO, 2019).

Outro significado elencado, a partir dos dados coletados, refere-se ao processo de aprendizagem. Sendo o significado ocupacional resultante das vivências e interpretações singulares e subjetivas dos indivíduos ao longo da vida, no qual são atribuídos os valores pessoais, o processo de aprendizagem em momento algum durante as entrevistas associa-se a escolaridade, o que poderá estar associado ao fato que a baixa escolaridade é uma característica socioeconômica dos povos ribeirinhos (ESPINOSA; GÓMEZ, 2006; MONTEIRO et al., 2014).

*“É muito importante a gente ter alguma coisa pra aprender a fazer, ou mesmo tá ensinando pra outras pessoas que a importância é isso da gente aprender e passar pros outras pessoas como eu não posso fazer aquilo lá fora, faço aqui em casa eu acho que é isso (risos)(Entrevistado 1).”*

Há uma possibilidade que esse processo de aprendizagem citado nas entrevistas, esteja associado ao aprender de modo empírico, significando um processo de renovação profissional e pessoal, por estar em constante adaptação para novas possibilidades profissionais, encontrando-se em constante movimento para satisfazer as necessidades econômicas e pessoais.

As ocupações fomentam sentido a existência humana, dentro dos contextos culturais, podem refletir o significado da vida dentro de determinada cultura, construindo a identidade por meio de especificidades da cultura, nesta pesquisa, a subjetividade de sentir-se ribeirinho na prática criam um arcabouço de experiências ocupacionais infinitamente particular e individual, devido as características perceptuais, simbólicas e afetivas que compõem o significado ocupacional (LILLO; CASTRO, 2001; CASTRO et al., 2017)

Dentre os sentidos ocupacionais encontrados neste estudo, existe um de extrema sensibilidade e singularidade relatadas pelas entrevistadas, que surgiu a partir do sentimento de aflição relacionado as perdas culturais ao longo do tempo, isso ocorre devido a afetividade e pertencimento a Ilha do Combu e a estilo de vida ribeirinha, sendo estes os traços que marcam a formação cultural dos ribeirinhos. (JESUS; ERTZOGUE, 2018)

Para Tuan (1980, p. 107) os “mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, lócus de reminiscências, e o meio de se ganhar a vida”, sendo então para os ribeirinhos uma linha tênue que está entre ribeirinhos e o ser a Ilha, por meio do “sou do Combu”.

Essas perdas culturais também podem ser simbólicas, que são perdas referente a aspectos não palpáveis, oriundos da afetividade com o lugar, natureza, saberes e práticas tradicionais, bens imateriais que podem ser perdidos por ações externas. Nas respostas das participantes da pesquisa podemos encontrar, preocupações sobre as perdas simbólicas e sobre os sentimentos de encontrar meios para revelar ao mundo a beleza e valor da Ilha e da vida ribeirinha.

*“Poxa a gente tem um espaço, a gente tem alguma coisa lindo aqui né, porque não mostrar pras pessoas, uma coisa assim que vai atrair... é isso (risos) (Entrevista 1)”.*

*”Meus netos não sabem nem o que é dizer assim – eu vou descer e fazer o espaçamento de uma coisa e outra – mas tudo isso é falta nossa, porque a gente desceu pra lá e muitas vezes chama*

*bora aqui eu vou te ensinar como tu trabalha isso aqui e isso dali (Entrevistada 2)”*

Para a entrevistada 1, é importante ações que valorizem e revelem a beleza da ilha do Combu, para a Entrevistada 2, há um sentimento de ausência quanto em relação a seu papel de repassar os conhecimentos aos netos, que para ela pode gerar prejuízos econômicos futuramente. As práticas culturais, podem perder-se gradativamente, durante a dinâmica de transmissão do conhecimento, por este se adquirido de modo empírico e ser repassado oralmente entre as gerações (Gallois, 2007), para Laraia (1999, p. 46):

“O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções. Estas não são, pois, o produto de uma ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.”

Portanto está sobre as mãos de todos que compõem a comunidade, o manejo do patrimônio cultural, pois o protagonismo da cultura amazônica é das populações que vivenciam e agregam valor a essa cultura, em específico neste estudo, os ribeirinhos, para Loureiro (2002, p. 120), “somente passando a ser o sujeito de sua própria história, e não o objeto de uma história definida e escrita pelo estranho à região, é que o homem da Amazônia poderá reencontrar ou recriar sua identidade perdida, usufruir de uma verdadeira liberdade político-cultural e assim traçar seu próprio destino, para viver como um ser moderno, integrado à natureza e à sua própria cultura, construindo uma história da Amazônia também, ou principalmente, para sua gente”.

## **8 A INTERSECÇÃO OCUPACIONAL: PERCEPÇÕES SOBRE A FORMA, O PROPÓSITO E O SIGNIFICADO OCUPACIONAL DE MORADORES DA ILHA DO COMBU.**

A Ilha do Combu, após algumas mudanças, como a titulação da ilha para área de preservação ambiental em 1997, houve o crescimento do turismo, com aberturas de restaurantes e bares em alguns igarapés dentro da ilha, dessa maneira, o espaço ganhou a frequente visita de turistas. Além disso, a proximidade com o centro urbano devido a precarização de alguns serviços prestados à população local, os moradores passaram frequentar mais o centro urbano, todos esses fatos somaram-se para que pequenas mudanças fossem incorporadas e repercutissem de modo gradativo na rotina dos

moradores, e conseqüentemente, nas formas, propósitos e significados ocupacionais atribuídos nas entrevistas.

Algumas demasiadamente importantes como a utilização de energia elétrica, sinal de televisão e rede telefônicas, que possibilitou a inserção de objetos como a utilização de eletrodomésticos na forma ocupacional de realização de atividades instrumental de vida diária, tais como, a máquina de lavar, a bomba d'água. E que também repercutiu na utilização de outro objeto como o uso de basquetas no manejo e venda do açai.

Com relação aos propósitos da inserção de maneiras do fazer da cidade no contexto ribeirinho da Ilha do Combu, as pessoas entrevistadas atribuíram como o objetivo da utilização dos utensílios citados, facilitar as rotinas.

Nessa perspectiva, infere-se que todas as mudanças frente ao tradicional criaram um espaço, uma lacuna onde os ribeirinhos adequaram **um modo ocupacional que mescla o tradicionalismo e a modernidade**. Ressalta-se que não se constitui como abandono ou troca do antigo para o novo, é em suma um ponto de encontro onde as práticas tradicionais receberam novas formas, propósitos e significados sem abandono das antigas, o que nesta pesquisa chamaremos de **Intersecção Ocupacional**, onde a partir dos achados e das leituras realizadas, definiu-se como um espaço encontrado nas formas, propósitos e significados singulares da comunidade ribeirinha da ilha do Combu, onde verifica-se um modo ocupacional encontrado que mescla o tradicionalismo e a modernidade por meio da dinâmica entre o conforto de ser e torna-se um ser ocupacional, sem a ruptura total com as antigas ocupações e com adequação as novas ocupações. Sendo assim, engajar-se em algumas ocupações já não é de todo modo antigo e tradicional, e também, nem de todo modo atual e moderno, o que revela a autenticidade e fidelidade dos ribeirinhos a sua cultura e a perspicácia em utilizar a modernidade a seu favor.

A Intersecção ocupacional fora pensado a partir das análises e discussões sobre a magnitude que é esse processo ocupacional revelado nas entrevistas, pensando a partir de recordações da compreensão comum da intersecção que ocorre entre conjuntos dentro da matemática, pensando na ocupação dos ribeirinhos (tradicionalismo) como um conjunto e ocupação no molde da modernidade como outro conjunto, sendo o ponto de encontro de ambos os conjuntos o local onde os participantes da pesquisa encontram-se.

Até o presente momento nas pesquisas de produções em Ciência da Ocupação e Terapia Ocupacional, não encontrou-se nenhuma alusão a este termo, sendo encontrado apenas a utilização da palavra interseções, em um artigo dos autores Huot e Rudman,

publicado em 2010, que utiliza o termo para dialogar sobre as interseções de ocupação, identidade e lugar no processo de migração e a influência desse aspecto no processo ocupacional.

Para melhor compreensão e diálogo sobre os dados coletados com a família participativa da pesquisa, utilizou-se a teoria dos conjuntos originária da Matemática para explicar sobre essa hipótese. Ao se referir a Teoria dos Conjuntos, Marques (2014) revela que “pode-se considerar a teoria dos conjuntos como um formalismo interdisciplinar: ela serve como um elo entre a matemática, de um lado, e a filosofia e a lógica do outro. Daí se infere a relevância dessa teoria para toda a ciência”.

A Teoria dos Conjuntos surge em 1874, desenvolvida por George Cantor (1845 – 1918), Cantor nasceu em S. Petersburgo, residiu quase toda a sua vida na Alemanha. Realizou seu Doutorado em Berlim em 1867, após escrever uma tese sobre a teoria dos números e em 1874 publicou um artigo com o título “*A respeito de uma propriedade característica de todos os números reais*”, suas contribuições significativas provem ao redor das buscas da compreensão do termo “infinito”. Para melhor compreensão “diz-se que um conjunto S é infinito quando é semelhante a uma parte própria dele mesmo, caso contrário S se diz finito” (FREIRIA, 1992). George (1874,) observou que os conjuntos infinitos não são todos iguais então decidiu aprofundar seus estudos elaborando de modo mais estruturado a teoria dos conjuntos.

Os conceitos básicos da Teoria sugere que um conjunto que pode ser ou não irreais, sendo o conjunto uma coleção de objetos definidos e separados, porém que formam um todo, para isso possuem características similares, satisfazendo o que alguns autores referem como propriedade e/ou condição imposta, quando não ocorre isso, este conjunto denomina-se vazio (MARQUES, 2014). Dentre os elementos da teoria dos conjuntos, a **Intersecção** é o elemento que apetece a esta pesquisa que pode ser demonstrado da seguinte maneira: o conjunto de A (Ocupações tradicionais) possui características específicas (formas, propósitos e significados) assim como B (ocupações modernas), se dentro desses conjuntos houver elementos que satisfaçam as propriedades de ambos os conjuntos, surge uma A intersecção B, um novo conjunto com elementos comuns que pertencem a ambos os conjuntos, sendo esse conjunto o denominamos nesse estudo de Intersecção Ocupacional.

Em outras palavras, a ocupação tradicional é um conjunto e a ocupação moderna outro conjunto, em que cada conjunto apresenta características como forma, sentido e significado ocupacional próprias, dessa maneira, são conjuntos diferentes de

ocupações que quando associado podem gerar novos conjuntos ocupacionais, resultantes de uma intersecção que se refere ao conjunto ocupacional resultado da mescla entre a forma tradicional e moderna de ocupar-se, sendo a junção de elementos reunidos por meio de características comuns, a intersecção de dois conjuntos que corresponde a um novo conjunto de formas, propósitos e significados de determinada comunidade que possui elementos que são comuns a ambos os conjuntos.

Para Howard Eves em seu livro a História da Matemática publicado em 1953, a teoria dos conjuntos e as possibilidades de aplicabilidade dessa teoria em outras áreas distintas a matemática, como uma das grandes criações humanas. Tal como, a compreensão aqui descrita aplicando essa teoria ao contexto ribeirinho estudado gerando uma nova forma de pensar as ocupações e os conceitos matemáticos a partir do que permeia a rotina dessas pessoas.

Dada a compreensão sobre o conceito de intersecção, cabe a compreensão do conceito do termo “Ocupacional” utilizado nesta pesquisa, para isso, devemos tomar o ponto de partida, que provém da palavra ocupação. Dessa maneira, mergulhando na Ciência da Ocupação e em seus domínios de preocupação e uma forma de compreender as ocupações como “uma síntese do fazer, ser e tornar” (WILCOCK, 1999, p. 3). A partir dessa perspectiva, se pode perceber nas comunidades ribeirinhas uma mescla semiestruturadas de suas ocupações, que não se desenvolve de maneira fixa, mas fluida e contínua, em um emaranhado de fazer, ser e tornar-se.

Estas atividades significativas que nascem não apenas da cultura, mas dos aspectos pessoais de cada pessoa, por meio do engajamento ocupacional podem influenciar diretamente na saúde e qualidade de vida, construindo uma rotina que ao contrário do que o senso comum julga como simples, é complexa e subdividida em categorias, tais como atividades de vida diária, atividades interpessoais, atividades físicas e as práticas sociais e culturais, por meio de hábitos, papéis, rituais, valores, crenças e espiritualidade de cada pessoa engajada em uma ocupação dentro do ambiente e contexto com circunstâncias sociais, culturais e históricas.

O uso do tempo, organização de atividades, a forma e objetivo dessas atividades, significados e o contexto estruturam e tornam a ocupação palpável a nossa compreensão, revelando que todos esses elementos são resultantes na ocupação, e por fim, integram-se a identidade individual e coletiva das pessoas, tecendo o que o que podemos denominar de Perfil Ocupacional, que corresponde em suma há “um resumo da

história ocupacional e experiências, dos padrões de vida diária, interesses, valores e necessidades de cada cliente” (AOTA 2015, p.14).

As ocupações podem ser especiais ou não, pois há ocupações de “caráter especial” o que Dickie (2011, p.15) compreende que isto ocorre “quando representam uma nova realização, quando acontecem de modo infrequente e carregam significados simbólicos”, o autor também ressalta que mesmo as ocupações especiais, embora marcantes pela tradição podem mudar com o passar do tempo.

Ao observar a comunidade ribeirinha em seu contexto cultural por meio da perspectiva de alguns de seus integrantes, podemos referir a um contexto correspondente as crenças, simbolismos, costumes e comportamento construídos sendo uma possibilidade, resultante da construção histórica e socioeconômica de um determinado povo, em um ambiente físico com características específicas, nota-se que aos poucos novas ocupações surgem devido a relação do turismo com a Ilha, contudo apesar das mudanças na forma ou surgimento de novas ocupações a pequenas alterações ou novas atribuições no propósito e significado ocupacional, sem que haja o abandono completo da forma, propósito e significado inicial.

Pensando em forma ocupacional, a intersecção ocupacional no ocupar-se de morar na ilha do Combu, no primeiro conjunto sendo um modo de moradia tradicional dos ribeirinhos, passando de geração em geração, após o contato e residência de dois anos no centro urbano, tornou-se também uma forma que as entrevistadas encontraram de ter segurança, conforto e bem-estar, sendo assim a intersecção ocupacional ocorre no momento que a forma de moradia satisfaz dois grupos, o tradicional e o moderno, porém é importante pensar que a concepção de moradia segura, confortável e que gere bem estar esta sendo vivenciada nas possibilidades e escolhas das participantes, o que poderá causar estranheza, pois nos centros urbanos esses conceitos se manifestam de outra forma, mas para as participantes da pesquisa é uma ocupação natural, nascer e viver nessa localidade e agora agregada a melhor forma de sentir-se tranquila, segura e bem.

Outro marco intersecção ocupacional dentro da forma, é visto nas novas formas de realização da agricultura familiar, antes apenas com frutos regionais que dependiam das safras para o cultivo, colheita e venda, atualmente com aquisição da agricultura e produção de chocolate orgânico, visto que o consumo de produtos orgânicos desenvolveu-se consideravelmente nas últimas décadas, as entrevistadas encontraram na prática e fabricação de chocolate orgânico uma possibilidade de exercer a agricultura que é uma ocupação antiga, com uma forma moderna e com espaço no mercado, assim como

o modo de venda dos produtos antes apenas em feiras dos portos e agora em feiras que ocorrem em pontos turísticos no centro da cidade.

A intersecção ocupacional dentro do propósito pode ser visualizada com a atribuição do objetivo de manutenção da cultura na realização das ocupações tradicionais que antes tinham os objetivos de geração de renda e aquisição de novos conhecimentos por curiosidade, mas diante da modernização agrega-se o propósito de adquirir novos modos de geração de renda e manutenção da cultura, antes as participantes desta pesquisa não precisavam preocupar-se de modo tão consciente sobre a perda de traços culturais, mas a praticidade da vida moderna e o abandono de práticas antigas como a fabricação e utilização de rasas e artesanatos, fomentou nas entrevistadas novos propósitos além dos existentes, resgatar as rasas e fabricar outras peças artesanais é uma ocupação antiga que mantém o propósito original de aprender e explorar a criatividade, diante da modernidade recebe também a atribuição de objetivo como um meio de manutenção da cultura.

Dentro de sentido ocupacional percebemos os significados atribuídos pelas entrevistadas como o sentimento de pertencimento ao território, que podemos associar aos significados atribuídos as ocupações tradicionais, como a moradia e os significados vivenciados a partir do contato com a vida urbana e o turismo da região, sendo este o processo de renovação profissional, sempre sentindo anseio por aprender novas possibilidades de trabalho e renda, para satisfazer as necessidades econômicas, assim como exercer o protagonismo diante das perdas do patrimônio cultural.

A intersecção ocupacional representa um achado dentre as tantas riquezas encontradas neste estudo, pois surge como uma possibilidade de encaixe dos antigos e novos moldes ocupacionais, sem que haja o sentimento de frustração por rupturas, ou substituição total e por consequência perdas dos elementos que compõem a ocupação. Ao refletirmos sobre os relatos das entrevistadas, a capacidade de administrar as ocupações, de modo que satisfaça as demandas sociais e pessoais, na busca de um equilíbrio entre antigos e novos propósitos, formas e significados ocupacionais.

Pensar e estudar sobre essa intersecção ocupacional experimentado a partir do universo dessa pesquisa na Ilha do Combu e dos seus participantes e buscar identificar se em outras populações acontecem de maneira similar aos resultados deste estudo é uma possibilidade potente não apenas para a Ciência da Ocupação, mais também, para a prática em Terapia Ocupacional, pois como discute Clark e Lawlor (2011, p.7) “de maneira similar, estudos sobre o impacto da ocupação na saúde dos indivíduos, das

comunidades e do cenário global podem resultar em uma expansão no escopo da prática de Terapia Ocupacional”.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Verifica-se após esta pesquisa, a importância de espaços como esses para a expressão e compreensão das percepções dos povos tradicionais sobre suas ocupações, pois havemos de concordar que não há ninguém melhor que a própria pessoa para falar sobre si e suas ocupações, principalmente nos elementos de propósito e significado ocupacional, visto que a forma é observável. Verificou-se que as participantes não tem noção da grandiosidade que são essas informações e a vida ribeirinha, sendo assim fica a observação do quanto precisamos deixar claro em nossas atuações o valor da cultura ribeirinha e a importância de elaborar espaços que proporcionem aos ribeirinhos momentos de expressão de sua cultura.

Esta pesquisa inicia uma pauta de discussões que esperamos que, a longo prazo, possam contribuir para que as práticas em saúde realizadas tanto nos centros urbanos como rurais, sejam sensíveis as especificidades dos povos e comunidade tradicionais, assim como busquem compreender as condições socioeconômicas da vida no campo e na floresta e sua influência na relação saúde/doença destas populações.

Torcemos para que a partir desse estudo outros profissionais possam encontrar arcabouço teórico para a elaboração de estratégias e intervenções direcionadas para a melhoria da saúde e qualidade de vida das populações que apresentam uma singularidade de vida, produção e reprodução social pautadas na natureza, garantindo um atendimento centrado as características culturais e demandas específicas das populações tradicionais.

Dentre todos os pontos apresentados nesta pesquisa, o pensamento inicial sobre a intersecção ocupacional dentro da forma, propósito e significado ocupacional, surge como uma grande contribuição dentro dos estudos sobre a ocupação humana, haja visto que além de explorar as ocupações dentro dos povos e comunidades tradicionais, buscando compreender as singularidades ocupacionais vivenciada por eles, possibilita novos horizontes que respeitem o processo ocupacional individual e coletivo deste povos, além de refletir sobre os impactos que a modernidade exerce sobre a cultura no aspecto ocupacional.

As contribuições para a ciência são a abertura de vertentes de estudos que se abrem a partir desta pesquisa, trazendo questionamentos sobre um universo ocupacional

que tem se perdido aos nossos olhos, pois como podemos verificar, já iniciou-se o processo de perdas culturais e simbólicas dentro dessas comunidades, sendo assim a Terapia Ocupacional, precisa se posicionar como facilitadora para o processo de valorização e manutenção das práticas e saberes tradicionais, resguardando-os para além dos territórios, mas em todos os seus contexto de atuação, como em processo de hospitalização, educação, trabalho, etc. Sempre que encontrarmos com especificidades culturais nas atividades de vida diária e ocupações, em pessoas que estejam fora do seu território, possamos realizar intervenções que estimulem a manutenção dos valores simbólicos e dos aspectos culturais, assim como possamos ter uma atuação adequada e condizente dentro dos territórios dos povos tradicionais.

Dentre as limitações deste estudo, a quantidade de participantes corresponde ao fator que mais implicou na exploração das hipóteses levantadas, ressaltando a importância de prosseguir com a pesquisa em uma amostragem maior.

Para os pesquisadores, a vivência desde estudo, configurou-se como um desafio, pois apesar da predileção ao assunto, há uma carência significativa de produções científicas, exigindo constantes estudos multidisciplinares para elaborar um conteúdo que se aproximasse ao máximo da magnitude que os dados coletados possuem, além disto elenca-se a experiência única desta coleta de dados dentro da Ilha, deixando impressões revitalizantes que iniciaram desde do transporte de barco até a residência, coleta de dados na beira do rio e o retorno de barco com a chuva, configuram uma experiência única, que correspondeu de suprimento energizante diante das dificuldades encontradas na produção desse material, somados ao sentimento inefável de sentir-se receptor e porta-voz de pessoas que possuem uma extraordinária história ocupacional, singulares e ricas formas, magníficos significados e propósitos ocupacionais.

## **REFERÊNCIAS**

ADAMS, C.; MURRIETA, S.; SANCHES., R. A. agricultura e Alimentação em Populações Ribeirinhas das Várzeas do Amazonas: Novas Perspectivas. *Ambiente & Sociedade* – Vol. VIII nº. 1 jan. / jun. 2005.

ALVAREZ E.; GÓMEZ S.; MUÑOZ, I.; et al. Definición y desarrollo del concepto de ocupación: ensayo sobre la experiencia de construcción teórica desde una identidad. *Rev Chil Ter Ocup. Santiago*, p. 76-82. 2007

AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 26, n. esp, p. 1-49, 2015.

ARAÚJO et al. Pesca e procedimentos de captura do Camarão-da-Amazônia a jusante de uma Usina Hidrelétrica. *Macapá*, v. 4, n. 2, p. 102-112, 2014.

BATISTA, S. S. M. Cultura ribeirinha: a vida cotidiana na Ilha do Combu/Pará. In: *V Jornada Internacional de Políticas Públicas*. 2011. São Luís.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: LDA, 2016.

BELLOCH, A.; OLABARRIA, B. El modelo bio-psico-social: un marco de referencia necesario para el psicólogo clínico. *Revista Clínica e Salud*, v. 4, n. 2, p. 181-190, 1993

BOAS, F. A mente do ser Humano primitivo. Tradução de José Carlos Pereira. *Vozes (Coleção Antropologia)*. 2ª ed. Petrópolis, 2011.

BONDER, B. R., MARTIN, L., MIRACLE, A. W. Culture emergent in occupation. *American Journal of Occupational Therapy*, 58(2), 159–168, 2004.

BRASIL. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta / Ministério da Saúde. *Editora do Ministério da Saúde*. Brasília 2013.

CAMPOS, C.J.G.; TURATO, E.R. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. *Rev. Latino-am Enfermagem*. V.17, n.2, março-abril 2009.

CAMPOS, C. J. G et al. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista brasileira de enfermagem*, 2004.

CARDOSO, A. C. D. Forma urbana de Belém e seus desdobramentos para a formação de um sistema de espaços livres acessível à população. *Paisagem e Ambiente: Ensaios - N. 37 - São Paulo* p. 11 – 34, 2016.

CARRASCO M. J.; OLIVARES A., D. Haciendo camino al andar: construcción y comprensión de la ocupación para la investigación y práctica de la Terapia Ocupacional. *Rev. Chil Ter Ocup*. Santiago. 2008; 8(8): 5-16.

CHAVES, M. P. S.; ABREU. J. P.; BINDÁ, F. As condições de vida e de Uso dos Recursos pelos Moradores do Parque Nacional do Jaú. In: BORGES, S. H. et al. *Janelas para biodiversidade no Parque Nacional do Jaú: uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia*. Manaus: Fundação Vitória Amazônica, 2004. p. 63-78.

CLARK, F.; LAWLOR, M. C. A elaboração e o significado da Ciência Ocupacional. In WILLARD; SPACKMAN. *Terapia Ocupacional*. 11 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2011.

- CRUZ, E. História de Belém. *Coleção Amazônia*, Série José Veríssimo. Belém: UFPA, 1973. 2 v.
- COSTA, S. L. Terapia Ocupacional Social: dilemas e possibilidades da atuação junto a Povos e Comunidades Tradicionais. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 1, 2012. 43-54 p.
- COSTA, E. F.; et al. Ciência ocupacional e terapia ocupacional: algumas reflexões. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. 2017. V.1(5): 650-663.
- COSTA, E. F.; OLIVEIRA, L. S. M.; CORRÊA, V. A. C. Sobre a forma ocupacional após acidente por queimaduras. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 3, p. 543-551, 2017
- CASTRO, G. G. A.; et al. Sobre os significados das atividades grupais para usuários de um centro de atenção psicossocial - CAPS. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. V.1(3): 332-352, 2017.
- DERGAN, João Marcelo Barbosa. 2006. 174 p. História, memória e natureza: As comunidades da ilha do Combu-Belém-PA. Dissertação de Mestrado História Social da Amazônia, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará, Belém.
- DICKIE, V. O que é ocupação?. In: WILLARD, H. S.; SPACKMAN, C. S. *Terapia Ocupacional*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 15-20.
- ESPINOSA, I.M; GÓMEZ, P. S. Ocupaciones de tiempo libre: una aproximación desde la perspectiva de los ciclos vitales, desarrollo y necesidades humanas. *Rev Chil Ter Ocup.* Santiago. 2006; 6(6): 39-45.
- EVES, H. Introdução à história da matemática. Trad. Hygino H. Domingues. *Editora da Unicamp*, 1995.
- FALESI, Í. C. Estado atual de conhecimento de solos da Amazônia brasileira. In: *Simpósio do Trópico Úmido*. EMBRAPA-CPATU, 1986. V. 1, p. 168-191. Belém, 1986.
- FRAGA, E.; DITZ, E. S; MACHADO, L. G. A construção da co-ocupação materna na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 27, n. 1, p. 92-104, Jan. 2019.
- FREITAS, W. JABBOUR, C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *ESTUDO & DEBATE*, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: *Editora Paz e Terra*, 1997.
- FREIRIA, A. A. A Teoria dos Conjuntos de Cantor. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 2, p. 70-77, julho de 1992.
- GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

GOMEZ, L. S. La ocupación y su significado como factor influyente de la identidad personal. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, (3), Pág. 43 – 47. 2003.

GALLOIS, T. D. Materializando saberes imateriais: experiências indígenas na Amazônia Oriental. *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.95-116, dez. 2007

HELMAN, C. G. (2003). *Cultura, saúde & doença* (4th ed.). Porto Alegre: Artmed.

HOMMA, A. K.; et al. Açaí: novos desafios e tendências. *Amazônia: Ciência & Desenvolvimento*, Belém, PA, v. 1, n. 2, p. 7-23, jan./jun. 2006.

HUOT, S.; RUDMAN, D. L. As performances e os locais de identidade: conceituando interseções de ocupação, identidade e lugar no processo de migração, *Journal of Occupational Science*, 17: 2, 68-77. 2010.

IBGE. Censo 2010. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores>> acesso em 03 de Out 2018.

\_\_\_\_\_. Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.phd/biblioteca-catalogo?id=42472&view=detalhes>> acesso em 03 de Out 2018.

JARDIM, A. C. S.; PEREIRA, V. S. Metodologia qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo. In: SOBER, *45º Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Porto Alegre. 2009.

JESUS, B.; ERTZOGUE, M. Sobre A Saudade De Um Rio: Perdas Simbólicas Dos Ribeirinhos Do Tocantins. *Revista Desafios*, v. 5, n. Especial, p.169- 177, 2018.

JUNIOR, A. C. R. AZEVEDO, K. A. Formação da Cidade de Belém (PA): Área Central e seu Papel Histórico e Geográfico. 2012. p. 151-168. *Espaço Aberto*, PPGG - UFRJ, V. 2, N.2,

JUNIO, J. F. V.; et al. Solos da Amazônia: etnopedologia e desenvolvimento sustentável. *Revista Agroambiente On-line*, v. 5, n. 2, p.158-165, 2011.

LARAIA, R. *Cultura: um conceito antropológico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LARSON, E.; WOOD, W.; CLARCK, F. *Ciencia Ocupacional: desarrollo de la ocupación através de uma disciplina acadêmica*. In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. *Willard & Spackman: terapia ocupacional*. Buenos Aires: Medica Panamericana, 2005. p. 16-26.

LILLO, S. G.; CASTRO, L. R. Ocupación: definición y concepto. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago. 2001; 1:5-7

LIMA, E. M. F. A.; OKUMA, D. G; PASTORE, M. D. N. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 243-254, 2013

LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016.

LOPES, L. G. *Vivência espacial das mulheres ribeirinhas: os espaços paradoxais do distrito de Nazaré.* / Luciane Gomes Lopes, 2013. 119f.:il. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Silva Nascimento Silva. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Geografia, Porto Velho, Rondônia, 2013

LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. *Estud. av.*, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 107-121, Ag. 2002.

MAIA, S. M, S.; SILVA, L. R. Saberes e práticas de mães ribeirinhas e o cuidado dos filhos recém-nascidos: contribuição para a enfermagem. *Rev. Enf. Ref.*, Coimbra, v. ser III, n. 7, p. 131-138, jul. 2012.

MCGRUDER, J. Cultura, raça, etnia e outras formas de diversidade humana em Terapia Ocupacional. In WILLARD; SPACKMAN. *Terapia Ocupacional*. 11 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2011

MATTA, R. A. A. *Espacialidade e sustentabilidade na ilha do Combu: um olhar sobre a interface urbano-insular como forma de contribuir para a conservação do espaço na construção da sustentabilidade local.* 2006. 211f. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Pará. Set de 2006.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. *Revista de Contabilidade e Organizações*, v. 2, n. 2, p. 9-18, jan./abr., 2008.

MARQUES, G. C. *Fundamentos de Matemática I.* 1. ed. SÃO PAULO: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 460p.

MAUES, R. H. Almoço do Círio: um banquete sacrificial em homenagem a Nossa Senhora da Nazaré. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 220-243, dezembro de 2016.

MESQUITA, R. F.; MATOS, F. R. N. Pesquisa Qualitativa e Estudos Organizacionais: história, abordagens e perspectivas futuras. *IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração*, 2014.

MENDONCA, A. P.; FERRAZ, I. D. K. Óleo de andiroba: processo tradicional da extração, uso e aspectos sociais no estado do Amazonas, Brasil. *Acta Amaz.*, Manaus, v. 37, n. 3, p. 353-364, 2007.

MELLO, M. A. e MANCINI, M. C. Métodos e técnicas de avaliação nas áreas de desempenho ocupacional. seção 9.1 Avaliação das atividades de vida diária e controle

- domiciliar. In CAVALCANTI, A. e GALVÃO, C. (orgs.) *Terapia Ocupacional: fundamentação e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 49-54, 2007.
- MINAYO, M. C.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 4, 2014.
- MONTEIRO, L. S.; et al. Sobre o significado das ocupações após o acidente por queimaduras. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 305-315, 2014
- MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MURRIETA, R. S. S.; et al. Consumo alimentar e ecologia de populações ribeirinhas em dois ecossistemas amazônicos: um estudo comparativo. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 21, supl. p. 123s-133s, Aug. 2008.
- NASCIMENTO, R. G.; CARDOSO, R. O.; PINTO, D. S.; MAGALHÃES, C. M.; C. Por entre pontes e rios: a imersão nos papéis ocupacionais de idosos ribeirinhos amazônicos. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. 2019. v.3(1): 9-20.
- NASCIMENTO, L. S.; et al. Perfil sociodemográfico e epidemiológico de uma comunidade ribeirinha da Amazônia. *Anais do Congresso Brasileiro de Medicina da Família e Comunidade*. Belém, Maio; v. 12, p. 1363, 2013.
- NELSON, D. L. Occupation: form and performance. *American Journal of Occupational Therapy*, Dearborn, v. 42, p. 633-641, 1988.
- NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades. *Caderno de Pesquisa em Administração*, São Paulo, v.1, n.3, 2º sem. 1996.
- NODA, S. N. et al. Utilização e Apropriação das Terras por Agricultura Familiar amazonense de Várzeas. IN: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A, C. *Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum*. NUPAUB/usp. São Paulo, 2001.181 a 203.
- PARÁ, Lei Estadual nº. 6.083, de 13 de novembro de 1997. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combú no Município de Belém. *Assembléia Legislativa do estado do Pará*, Belém.
- POJO, E. ELIAS, L. VILHENA, M. (2014). As águas e os ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes. *Revista Margens Interdisciplinar*.
- PONTE, J. P. X. Belém do Pará: cidade e água. *Cad. Metrop.* São Paulo, v. 17, n. 33, p. 41-60, maio 2015.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. Estrutura e função na sociedade primitiva. Prefácios dos professores E. E. EvansPritchard e Fred Eggan; tradução Nathanael C. Caixeiro. *Vozes (Coleção Antropologia)*. 2ª edição. Petrópolis, 1973.
- RIBEIRO, J.; BEZERRA, L.; FERREIRA, T. A Diluição Das Fronteiras Da Cultura De Gênero Nos Ateliês Do Artesanato De Miriti. 2018.
- ROWLES, D, G. O Significado do Lugar. In WILLARD; SPACKMAN. *Terapia Ocupacional*. 11 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan,2011

SANTANA, A. C.; CARVALHO, D. F.; MENDES, F. A. T. Organização e competitividade das empresas de polpas de fruta no Estado do Pará: 1995 a 2004. BÉlem: Unama, 2006.

SANTOS, J.; et al. Análise de conteúdo: a pesquisa qualitativa no âmbito da geografia agrária. In: *XXIV Encontro Estadual de Geografia*. Santa Cruz do Sul - RS. UNISC. 2004.

SANTOS, J.C.; SENA, A.L.S.; HOMMA, A.K.O. Viabilidade econômica do manejo de açazais no estuário amazônico do Pará. In: GUIDUCCI, R.C.N.; LIMA FILHO, J.R.; MOTA, M.M. (eds.). *Viabilidade econômica de sistemas de produção agropecuários*. Brasília: Embrapa, 2012. p.351-409.

SANTOS, F. V.; PASCOAL, B. G. Aspectos gerais da cultura alimentar paraense. RASBRAN - *Revista da Associação Brasileira de Nutrição*. São Paulo, SP, Ano 5, n. 1, p. 73-80, Jan-Jun. 2013

SCHERER, E. (2002). O desafio da inclusão na Amazônia Ocidental. *Trilhas*, 2(3),15-35.

SCHERER, E. F. (2004a, maio). O defeso e a defesa do meio ambiente. Trabalho apresentado no *II Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade*. Indaiatuba, São Paulo.

SCHERER, E. F. (2004b). Mosaico Terra-Água: a vulnerabilidade social ribeirinha na Amazônia. [Resumo]. Em Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Org.), *Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra: Universidade de Coimbra

SILVA, I. Modo De Vida Ribeirinho: construção da identidade amazônica. *VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas*. 2017.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO FILHO, E.; Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. *Encontro Nacional de Engenharia de Produção*, v. 26, p. 1-9, 2006.

TRINDADE, M. A. S. F. Comunidade e Sociedade: norteadoras das Comunidade e Sociedade: norteadoras das relações sociais. R. *FARN, Natal*, v.1, n.1, p. 165 - 174 Jul./dez. 2001. 165

TUAN, Y. Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. *São Paulo: Difel*, 1980.

YIN. R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. *3 ed. Porto Alegre: Bookman*, 2005.

YERXA, E. J. Infinite Distance between the I and the It. *American Journal of Occupational Therapy*, New York, v. 63, n. 4, p. 490-497, 2009.

Yerxa, E. J. Occupational science: A new source of power for participants in occupational therapy. *J Occup Sci*. Melbourne. 1993; 1(1): 3-10.

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973.

WILCOCK, A. A. Reflections on doing, being and becoming. *Australian Occupational Therapy Journal*, v. 46, p. 1-11, 1999.

WILCOCK, A. An occupational perspective of health. 2nd ed. *Thorofare*: Slack, 2006.

WILCOCK, A. A. Occupation and health: Are they one and the same? *Journal of Occupational Science*, Sidney, v. 14, n. 1, p. 3-8, 2007.